

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

RE

PORTUGAL, Alpoim Alves,
Unidade de vida

REIS, Manuel Fernandes
*Isabel da Trindade:
Interioridade Teologal Unificada (I)*

VECHINA, Jeremias Carlos
Descida ao mais profundo centro

FERREIRA, Pedro
*As celebrações da Igreja
e a renovação do homem*

GARCÍA, Salvador Ros,
*Comentário ao desenho de Cristo
de S. João da Cruz*

LEAL, Agostinho,
Orar com a vida

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL	
<i>Unidade de vida</i>	3
MANUEL FERNANDES REIS	
<i>Isabel da Trindade:</i>	
<i>Interioridade Teologal Unificada (I)</i>	5
JEREMIAS CARLOS VECHINA	
<i>Descida ao mais profundo centro</i>	31
PEDRO FERREIRA	
<i>As celebrações da Igreja e a renovação do homem</i> . . .	49
SALVADOR ROS GARCÍA	
<i>Comentário ao desenho de Cristo de S. João da Cruz</i> ..	61
AGOSTINHO LEAL	
<i>Orar com a vida</i>	65

NÚMERO 5

Janeiro - Março 1994

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

Director

P. Alpoim Alves Portugal
Centro de Espiritualidade
Avevadas ☎ 055.534207
4630 MARCODECANAVESES

Conselho da Direcção

P. Agostinho dos Reis Leal
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Mário da Glória Vaz
P. Pedro Lourenço Ferreira

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Rua de Angola, 6
Paço de Arcos ☎ 01.4433706
2780 OEIRAS

Assinatura Anual	2.000\$00
Espanha	Ptas 2.000
Estrangeiro	USA \$ 25
Número avulso	600\$00

Impresso na ARTIPOL - Barrosinhas - 3750 ÁGUEDA

Depósito Legal: 56907/92

UNIDADE DE VIDA

P. ALPOIM PORTUGAL

Li, a propósito do recém-falecido rei da Bélgica, Balduíno I, que sou-be viver, apesar de ser rei, uma vida de íntima união com Deus e, textualmente: «Há reis que são mais do que reis: são pastores do seu povo. Não fazem outra coisa senão reinar, eles amam, até darem a vida. Assim foi o rei Balduíno. Ele amava. A sua inteligência política brotava das raízes profundas do seu coração, a sua actividade alimentava-se da sua força de amar. O segredo do seu reino, era o seu coração. Foi pela porta do coração também que ele nos deixou como para nos dizer: “eu não queria causar-vos muita tristeza”. Foi um rei segundo o coração dos homens; foi um rei segundo o coração de Deus. Feliz o povo que teve um tal rei assim...».¹

Vem esta breve transcrição da homilia do cardeal G. Danneels do dia 7 de Agosto de 1993, por ocasião das solenes exéquias do rei Balduíno, mostrar-nos um de tantos exemplos e modelos de homens de hoje, como ou-tros de ontem, como é possível viver, seja qual for a nossa missão neste mundo, essa vida de intimidade com Deus a par da actividade que nos foi confiada nesta terra.

O título que nos propusemos dar a este número da nossa Revista de Espiritualidade, primeiro neste segundo ano de vida, inspirado nesse acontecimento sem igual da vida da Igreja que foi o Concílio Vaticano II, vai ser iluminado pela experiência viva e o testemunho de uma mulher dos nossos dias, Isabel da Trindade (1880 - 1906), beatificada ainda há bem pouco (a 25 de Novembro de 1984) pelo Papa João Paulo II.

¹ Cardeal GODFRIED DANNEELS, *L'exemple d'un roi*, em *Kerit*, 113 (Bélgica 1993), p. 8.

A *unidade de vida*, podíamos dizer, é uma meta a ser alcançada por todo o baptizado. O Vaticano II apresenta-a como fim a atingir por todos indistintamente, seja qual for a sua vocação e ministério de cada um: os presbíteros (P.O. 14), os religiosos e religiosas (P.C. 5, 7 e 8), os leigos (A.A. 4).

Cada dia mais, somos tentados para a dispersão. As múltiplas actividades, os muitos deveres a cumprir, a enorme variedade de problemas que angustiam os homens, as muitas necessidades e urgências que saltam à vista, podem levar os homens e mulheres de hoje a dispersarem-se por muitas coisas, e por isso mesmo a porem em perigo aquela estabilidade, integridade e unidade da sua vida interior com a actividade que poderíamos chamar de exterior.

Já no número 4 da nossa Revista abordámos em quatro artigos este tema e que agora apenas queremos ilustrar com este exemplo e testemunho admirável desta mulher que soube sintetizar tão bem em si a Marta e a Maria do evangelho (Lc 10, 38-42).

Que mais esta reflexão agora apresentada e que o Pe. Manuel Fernandes dos Reis nos proporcionou, ajude a quem nos lê, não só a compreender melhor este chamamento dirigido a todos os “filhos de Adão”, mas sobretudo, a vivê-lo e experimentá-lo, de modo que a paz de consciência e a santidade sejam uma realidade alcançada já neste *céu* que pode ser a nossa *terra*.

Completa-se com os outros dois temas, a doutrina de S. João da Cruz e também a proposta orante da Igreja pela Sagrada Liturgia, a promessa que deixámos àqueles, e não só, que beneficiam dos mesmos temas tratados ao vivo e experienciados ao longo de cinco dias da nossa X Semana de Espiritualidade, mas que agora, presentes nesta edição, podem ser estudados e aprofundados mais detidamente. Também o Pe. Agostinho Leal nos brindou este pequeno modelo orante para que, pouco a pouco, a nossa vida se vá tornando oração e a nossa oração se faça vida desde um coração unido ao coração de Cristo.

Só fazemos votos, ao deixar nas vossas mãos este número 5 da nossa Revista de Espiritualidade, que ela vá criando em todos uma maior proximidade a Deus sem nos distanciarmos dos homens nossos irmãos. Que o *céu na terra* venha a ser uma realidade alcançada por todos porque é essa a verdadeira *unidade de vida*.

ISABEL DA TRINDADE:

INTERIORIDADE TEOLOGAL UNIFICADA (I)

P. MANUEL FERNANDES DOS REIS

«É da consciência da Igreja que “o *nosso tempo* é tempo dramático e fascinante... nele se manifesta a angustiante procura de senti-do, a *necessidade de interioridade*, o desejo de aprender novas formas e meios de concentração e de oração... procura-se a dimensão espiritual da vida como antídoto à desumanização”. Este fenómeno denominado “regresso do religioso”, não está isento de ambiguidade, mas traz com ele também um convite. A Igreja tem em Cristo... que se proclamou “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6), um imenso património espiritual para oferecer à humanidade. É o caminho cristão que leva ao encontro com Deus, à oração, à ascese, à descoberta do sentido da vida. Também este é um areópago a evangelizar» (João Paulo II, *R.Mi.*, p. 38).

Introdução

Ao estudar na vida e escritos de Isabel Catez * a sua “unidade de vida”, preocupa-nos não um «olhar de teólogo sobre a sua alma e doutrina para descobrir o sentido doutrinal da mesma vida e dos mesmos escritos»,¹

* As obras de Isabel da Trindade serão citadas no texto conforme as siglas: C = Cartas; CF = Céu na Fé; D = Diário; DA = Deixa-te amar; GV = A grandeza da nossa vocação; NI = Notas Íntimas; P = Poesias; UR = Último Retiro; de acordo com o texto em ISABEL DA TRINDADE, *Escritos Espirituais*, Ed. Carmelo, Oeiras, 1989.

¹ M.M. PHILIPON, *A Doutrina Espiritual de Soror Élisabeth da Trindade*, I, Coimbra 1949, pp. 21-22.

mas que, apesar de não ter sido uma intelectual agrade aos intelectuais,² e, contrariamente a outras opiniões do passado, pensamos que cabe à carmelita ensinar doutrinalmente (e até “doutoralmente”, que não “cientificamente”) o caminho cristão da unidade de vida e, não apenas segui-lo no silêncio de uma vida inteiramente “escondida com Cristo em Deus”». ³

Ainda que não pareça ser a sua missão exprimir as realidades espirituais de modo original, mas vivê-las,⁴ o que é certo é que «construiu um edifício perfeito em que a originalidade aparece logo à primeira vista», sendo a «sua obra de um estilo espiritual e teológico sublime, elaborada positivamente do interior», em cuja «mensagem ressoa qualquer coisa que não se encontra em nenhum modelo que a inspirou»,⁵ em nossa opinião, o sopro e a surpresa do Espírito, em quem leu e escudou a Palavra e adorou a Presença, “toda entregue à sua Acção criadora” (NI 15).

Ante «o mal-estar religioso da nossa cultura», a exteriorização da vida, o uso excessivo da sensorialidade, o activismo, «vêmo-nos, com frequência, privados da possibilidade da contemplação por falta de preâmbulos espirituais indispensáveis; assim, dificilmente poderá realizar a experiência teologal o homem que vive fora de si, alienado da sua raíz, entregue às suas posses, disperso nas suas actividades. Um homem assim dissipa, como o filho pródigo, a sua substância; alienou-se a si mesmo. Necessitará como condições para o exercício da contemplação, concentrar-se frente à sua superficialidade; unificar-se, frente à dispersão; transparentar-se e clarificar-se, frente à confusão. Para conseguir estas disposições deverá dar os passos do silêncio, do recolhimento, da abertura contemplativa à realidade, o desapego interior — passar do espírito de posse à pobreza espiritual, como diz S. João da Cruz — e superar o fechamento em si mesmo e a vontade de poder como caminho para a própria realização».⁶

Neste contexto sócio-religioso, como dizer a “separados” de Deus que Deus-está-connosco? Como fazer acreditar a Presença à ausência? Como chamar da desatenção e distracção à “atención a lo interior” (S. João

² Cf. F. de S. MARIE, *Liminaire*, a H.U. von Balthasar, *Élisabeth de la Trinité et sa Mission Spirituel*, Seuil, Paris 1959, p. 13.

³ Cf. PHILIPON, *o.c.*, II, p. 76.

⁴ Cf. F. de S. MARIE, *Ibid.*, p. 13.

⁵ H.U. von BALTHASAR *o.c.*, pp. 32 e 27.

⁶ J.M. VELASCO, *El malestar religioso de nuestra cultura*, Madrid 1993, p. 278.

da Cruz)? Como fazer sair da ex-centração e da exteriorização e passar à concentração e à interiorização? Como fazer voltar dos “plurima” (multiplicidade) ao “unum” (unidade), melhor dito, como entre a variedade de máscaras (Mc 6, 50), nas ocupações diárias, chegar à pré-ocupação do amar, que dá unidade, vida e força? Como falar do “Único Necessário” e da “única coisa necessária” a um mundo que navega erradamente no oceano da indiferença e na noite do vazio individualista?

Esta absoluta necessidade e urgência de uma verdadeira interioridade, que é uma intensificação qualitativa da vida de relação com Deus, de comunhão fraterna, de consciência pessoal e de ecologia cósmica, mais que ambiência geográfica e clima humano, favoráveis ao descanso, para reagir e compensar a exterioridade habitual, está a exigir a conaturalidade de uma consciência e espiritualidade integral.⁷

Neste sentido, a figura de Isabel da Trindade, aparece com voz profética. De facto, como experta nesta matéria da unidade de vida (GV 8), facilita-nos “o encontro com o Encontro”,⁸ quer dentro de nós, pela oração, quer nas nossas circunstâncias, pela acção.⁹ Ainda que «violentamente voltada para o interior», manteve «o sentido do próximo»¹⁰ a tal ponto que nos desconcerta a espontaneidade e criatividade do seu apostolado contemplativo, aparentemente desinteressado e inútil.¹¹

Importa, pois, deixar falar quem, com experiência e graça, viveu uma qualificada unidade de vida que, segundo o Concílio Vaticano II, se recebe da união de vida com Cristo, que não separou o que Deus uniu mas,

⁷ Se a espiritualidade cristã é «a relação pessoal e imediata com Deus» (cf. K. RAHNER, *Espiritualidad antigua y actual, Escritos de Teología*, VII, Madrid 1967, p. 22), a espiritualidade da interioridade de Isabel da Trindade, sendo de «comunhão com os Três», é também eclesial e cósmica.

⁸ J. ROF CARBALLO, *El hombre como encuentro*, Madrid 1973, p. 516. Esta categoria de “encontro” é personalizada por Isabel da Trindade em Jesus: «Aquele que é o nosso “Encontro”» (C 184; 220), mediador do nosso encontro interpessoal na Trindade: «é pelo Coração de Jesus, na Santíssima Trindade, que as nossas almas se encontram, e não são “senão uma”» (C 278).

⁹ «A contemplação conduz à acção apostólica e esta ajuda a valorizar a importância dos momentos dedicados explicitamente à oração» (cf. JOÃO PAULO II, *Conseguir a unidade de vida na acção e na contemplação*. Homília na missa celebrada na catedral de S. Domingos, em *Ecclesia* 2604 (1992), p. 13).

¹⁰ «Se a Ir. Isabel foi *humaníssima* na relação com as pessoas (C 275: “a gratidão é a lei do meu coração”), quanto não o foi também na gratidão para com Deus (C 225: “vivo em constante acção de graças, unindo-me, assim, ao louvor eterno que se canta no céu dos Santos”), até no momento da mais dura provação (C 308), pois, é nela que *tudo deve acabar*, a exemplo do Mestre (UR 35)». Cf. J. CASTELLANO, *Liturgia y Contemplación en Sor Isabel. Una perfecta “alabanza de gloria”*, em *Monte Carmelo* (1984), p. 55.

¹¹ Cf. F. de S. MARIE, *Liminaire*, pp. 15-16.

o que, pelo pecado, o homem desuniu, Ele re-uniu pelo amor.¹² Talvez, só provo-cando e “escandalizando” com a violência da sua robusta interioridade teologal unificada,¹³ consiga “evangelizar” o areópago da nossa ambiguidade “religiosa” e da nossa “dis-traída” vida, com a única coisa necessária do Único Necessário, ou seja, a unidade bipolar do amor, tornando-se, assim, numa “mater spiritualium”¹⁴ para todos aqueles que se aventuram na peregrinação interior de si, de Deus, dos homens, com a sua história e sua natureza (C 302).

Apesar da distância temporal, a riqueza da sua experiência e doutrina sobre a unidade de vida, possibilita um diálogo crítico e, como tal, salutar, com as nossas aspirações contemplativas e apostólicas. Pode ajudar-nos a ler “o que passa connosco” (a interioridade psíquica do homem), o “Deus a passar” (a interioridade teologal de Deus), o que acontece à nossa volta com os outros e as coisas (a interioridade sociológica e simbólica).

Como “mulher interior” (D 84), como “alma que vive do interior” (CF 6), que “aspira a viver em contacto com Deus” (CF 11; 16), exige de nós, com o nosso consentimento, o milagre de «uma profunda descida ao nosso próprio abismo interior» (CF 7) e o esforço de «entrar mais profundamente n'Ele» (UR 33). Esta dupla exigência, torna singular a sua missão na Igreja de hoje, como chamamento absoluto à “única coisa necessária” da contemplação, da atenção amorosa à “presença de Deus dentro de nós” (C 47; 62).

¹² A “unidade de vida” dos sacerdotes (P.O. 14) significa que “reduz à unidade”, isto é, que harmoniza a vida interior com a actividade externa (acção apostólica), e é fruto da *intimidade de vida com Cristo* (sempre princípio e fonte da unidade de vida) *no amor ao Pai e no serviço aos irmãos*. «Esta “unidade de vida” *pacientemente buscada*, mas *nunca suficientemente lograda*, nasce da vontade de seguir Cristo mais de perto; este *amor é princípio de unidade interior* de toda a vida consagrada» (cf. Documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada, *Potissimum Institutionis* (2/2/1990), sobre a Formação, nn. 17-18).

¹³ O sentido da sua vida residia no eterno, no infinito e o seu “morrer ao mundo” é para o não-crente e, mesmo para o crente, “pedra de escândalo” que exorta, o mundo e a Igreja, a não se instalarem no infinito, mas a deixar operar o amor (de Deus) que “matando, troca a morte em vida” (CH 2, 34), ainda que no esconimento da fé cristã (cf. H.U. von BALTHASAR, *o.c.*, p. 95).

¹⁴ «A santidade da sua vida, a sua procura radical de Deus, a sua ternura humana, o seu *carisma* particular *de união* Àquele que habita sempre nos nossos corações... a riqueza da sua mensagem, tornam a Ir. Isabel da Trindade, no futuro como o foi no passado, *uma guia muito segura nas vias interiores para Deus*... É o amor que conduz, pela libertação e pela prova, à *unidade* crescente com Cristo, até chegar a ser seu sacramento entre os homens e uma alegria para a Santíssima Trindade» (cf. C. de MEESTER, Préface, *Élisabeth de la Trinité, Pensées II, Pour son amour j'ai tout perdu*, Foi Vivante 208, Du Cerf, Paris 1984, pp. 5-6).

«Há *missões* que caem sobre a Igreja como raios celestes, para lhe *dar a conhecer uma única e irrepetível vontade de Deus a seu respeito*... Trata-se daquelas formas claras de santidade que o próprio Deus põe como pedras milenárias, como sinais distintivos, como *esquemas explicativos válidos do seu Evangelho*... São irrefutáveis, intangíveis, *indivisos como números primos; comunicam o que o Espírito divino* — sempre vivo, sopra onde quer, descobrindo aspectos sempre novos da sua Revelação inexaurível — *quer manifestar*».¹⁵

Cabe-lhe, pois, a missão particular, querida por Deus, de manter acesa, no coração da Igreja, do nosso tempo, a chama da “comunhão com Deus” (C 123).

Sabemos, porém, que foi na tradição mais viva da nossa cultura cristã, que Isabel assentou o equilíbrio do seu pensamento e a harmonia da sua vida. Com Teresa de Jesus, leu e viveu o Evangelho de “Marta e Maria sempre juntas para hospedar o Senhor” (Mt 10, 38-39), como caminho seguido por todos os santos.

«Isto quero eu, minhas irmãs, que procuremos alcançar, e não para gozar, mas para ter estas *forças para servir*; desejemos e ocupemo-nos na *oração*; não queiramos ir por caminho não andado, que nos perderemos na melhor altura; e seria caminho bem novo pensar ter estas mercês de Deus por outro que *o que foi Ele e foram todos os seus santos*; não nos passe por pensamento; crêde-me que *Marta e Maria hão-de andar juntas* para hospedar o Senhor, e tê-lo sempre consigo, e não lhe dar mais hospedagem, não lhe dando de comer. Como lha daria Maria, sentada sempre a seus pés, se sua irmã não a ajudasse? O seu manjar é que de todas as maneiras que pudermos ganhemos almas para que se salvem e sempre o louvem» (7M 4, 14).

Com João da Cruz interpretou existencialmente o Evangelho do Cristo ocupado nas «coisas do Pai» (Lc 2, 49), “só a pisar o vinho” (Is 63, 3) da nossa redenção, como afectividade e efectividade amorosa.

«É verdade evidente que “a compaixão dos próximos tanto mais cresce quanto mais a alma se junta com Deus por amor”; porque quanto mais ama,

¹⁵ H.U. von BALTHASAR, *Sorelle nello Spirito (Teresa de Lisieux e Elisabetta di Digione)*, Milano 1974, p. 20. «Há na Igreja os que, por especial eleição, receberam de Deus uma missão especial... Não recebem a sua missão para si próprios, mas para os outros. Devem comunicar a luz que receberam na altura, devem mostrar o que é o amor total, a plena confiança, a plena segurança. São diferentes de nós, porque possuem o amor, que exclui toda a angústia, e nós devemos temer, porque somos pecadores, não perfeitos no amor. Ajudam-nos, dizendo-nos que nos devemos entregar, com plena segurança, com o abandono do amor, para ver quanto o amor é mais fácil que o temor». C. de MEESTER, *Élisabeth de la Trinité*, pp. 83-84.

tanto mais deseja que esse mesmo Deus seja de todos amado e honrado. E quanto mais o deseja, tanto mais trabalha por isso, quer na *oração*, quer em todos os *outros exercícios* necessários e possíveis. E é tanto o fervor e a força da sua caridade, que os possuídos por Deus não se podem limitar nem contentar apenas com o seu próprio ganho; antes, parecendo-lhes pouco ir sós ao céu, procuram, com ânsias, afectos celestiais e diálogos espirituais, levar muitos consigo ao céu. Isto nasce do grande amor que têm ao seu Deus e é fruto e efeito próprio da perfeita oração e contemplação» (Dict. 10).

Herdeira desta amorosa versão teresiana e sãojoanina do Evangelho da unidade (de vida), escreveu a sua irmã, a quem irá inculcar a unidade de vida e amor em CF: «sabes muito bem que *quando se ama*, as coisas exteriores não podem apartar-nos do divino Mestre: por isso, minha Guida é, ao mesmo tempo, Marta e Maria» (C 183).

Ei-la, “indivisa como um número primo”, Marta-e-Maria em simultâneo, qual “esquema explicativo válido do Evangelho” da “coisa unificada” (Mt 12, 25), bem edificada sobre a rocha (Mt 7, 24) do mandamento necessário (Lc 10, 42) que nunca passa (Mc 13, 31) num mundo sempre a passar (1Cor 7, 31).

A nós que «dispersamos facilmente as forças da nossa alma na distração ao exterior, em vez de as unificar pelo recolhimento que apenas procura o amor — que estabelece a unidade (C 121; 184; 274) —, nos nossos encontros e tarefas, ela pode evangelizar e estetizar a nossa vida com o mote de “esta bela unidade interior” (UR 4), “este belo silêncio”(UR 27). Só assim manifestaremos, como ela, o que o Espírito quer comunicar à Igreja e ao mundo, como única vontade de Deus: a vivência unificada do amor, do “calado amor”, do silêncio contemplativo que se “deixa amar”, e do “efectivo amor” do serviço apostólico. Desta maneira, ela estará crítica e salvificamente presente hoje em nós, interpelando-nos à Presença do “Deus todo Amor”, que nos comunga a todos, no caminho crístico do exercício activo e passivo do amor de Deus e do Homem, que «não se podem separar» (G.S. 24).

Jesus, o Único Necessário

Isabel Catez usa habitualmente dois tipos de expressões para significar a unidade. A primeira é bem personalizada: «o Único Necessário»; a segunda, substantivada: «uma só coisa é necessária», aparece, pelo menos, umas catorze vezes nos seus textos. Um breve percurso pela sua obra dá-

nos conta do uso polivalente da terminologia evangélica da unidade (Lc 10, 42), simbolizada nas duas irmãs — Marta e Maria — que servem o Senhor, e que denota que «para ela — Isabel Catez — tudo se reduz à unidade»,¹⁶ a esse «único necessário» (GV 8), a essa «única coisa necessária» (C 129).

Aquele que, um dia disse a Marta “uma só coisa é necessária”, revelava e escondia, ao mesmo tempo, a sua identidade de “o Único Necessário” e a sua missão de “sint unum” (Jo 17, 21), que veio a ser, em Isabel Catez, como que o selo da sua rubrica.¹⁷

Uma pequena amostra mostra a unicidade do Único Necessário, do Único Todo, na linguagem de Isabel.

- «Então, possuir-vos-ei, Jesus / Meu *único* Amor, minha Vida» (P 39, 1).

- «Renuncia a toda a felicidade terrena / *Só* o teu Jesus te pode satisfazer» (P 68, 16).

- «É lá, ao pé da Cruz, que nos sentimos a sua prometida; todas essas obscuridades, esses sofrimentos, a libertam para a apagar ao nosso *Único Todo*, purificam-na ainda para chegar à *união*. Ah, minha irmã, essa *união* divina quando será consumada em nossas almas?» (C 47).

- «Ó Cordeiro tão puro e tão doce / Tu meu *só*, meu *Único Todo* / Tu sabe-lo bem a tua prometida / É uma pequena faminta» (P 75, 8).

- «Ó, como é doce sacrificar qualquer coisa Àquele que amamos! É o nosso *Todo*, não é verdade, Margarida? Sim, nosso *Único Todo*, é agradável sentir que Ele está, que não existe senão Ele, ninguém mais que Ele!» (C 57).

- «Amemos como ela, seja este o nosso modelo, permaneçamos junto d'Ele, silenciosas, recolhidas, esquecendo tudo como ela e não vendo senão o nosso *único Todo*, Aquele a quem demos tudo» (C 75). «Coragem,

¹⁶ «Ela é grandiosa no que tem de simples e unilateral. Sem se deixar desviar, ela apodera-se do *Único necessário* — a contemplação — até que se revele que este único é todo, que a jóia justifica o abandono de tudo o resto... Este carácter único, primeiro e indissolúvel da sua doutrina espiritual, permanecerá intocavelmente o que é: uma *verdadeira mensagem carismática*». Cf. H.U. von BALTHASAR, *o.c.*, pp. 27-28. «A frase de S. Paulo, na sua carta aos Efésios — “louvor de glória da sua graça” (Ef 1, 12) — teve um extraordinário eco na Ir. Isabel. É, sem dúvida, um *facto carismático*, acção singular do Espírito, que a levou a investigar o sentido profundo da palavra, assumida como *nome* novo, experimentada como sua *missão* eclesial e seu *testamento* espiritual, em páginas de alta interioridade teológica (CF 41-44; UR 36-41). Talvez nunca uma palavra de S. Paulo teve tanto eco interior numa alma e conseguiu uma harmonia tão extraordinária de sentimentos» (J. CASTELLANO, *o.c.*, p. 55).

¹⁷ Cf. P. 88 (“Há um que conhece todo o mistério”) Natal de 1903, que abre com o “In principio erat Verbum” (Jo 1, 1) e fecha com a assinatura do “sint unum” (Jo 17, 21), como que a pressagiar que a unidade era no princípio e será no fim, pois, é o trono da Trindade (UR 5), é o sonho dos Três (P 84, 2).

Ele está tão perto de ti, deseja ser o só, o Único, sim querida irmãzinha, o *único Todo*» (C 76).

- «Compreendo que tenhas necessidade de um ideal, quer dizer, qualquer coisa que faz sair de si para levar mais além. Mas, repara, só existe *Um, é Ele, o único Verdadeiro*» (C 128).

- «A carmelita é uma alma adorante / toda entregue à acção de Deus / Encontrou o *Único Necessário* / o ser divino, Luz e Caridade» (P 83). «A carmelita é, antes de tudo, uma contemplativa, uma outra Madalena, que nada deve distrair do *Único Necessário*» (C 164).

- «Para mim gostava de o repetir: Ele é o *meu Todo, o meu único Todo*» (C 190).

- «Amar é, como Madalena... / Sua alma possuía / *Jesus, o Único Necessário*» (P 94).

Bastam estas citações para nos fazermos à ideia de uma Isabel unicamente necessitada de Jesus, o Único Todo da sua vida, e o Único Verdadeiro da sua doutrina.

Jesus e a única coisa necessária.

Jesus, o Único Necessário, que viveu explicitamente a “única coisa necessária”,¹⁸ diz aos muito atarefados, com muitos serviços, que pensam ser os únicos a servi-lo: «Marta, Marta, andas inquieta e perturbada com muitas coisas, mas uma só é necessária» (Lc 10, 4-42).

Isabel Catez, para quem, a exemplo de M. Madalena, Jesus foi o Único Necessário (P 94), não relativiza religiosamente o “Evangelho da unidade”, mas universaliza-o como único caminho de vida e verdade. A 25 de Julho de 1902, escreve à Sra. Sourdon: «*Uma única coisa é necessária, Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada*». E, comenta logo a

¹⁸ Na linguagem de Isabel Catez só pode significar, como ela diz, o duplo movimento espiritual da alma de Jesus. Por um lado, a glória do Pai e, por outro, a redenção do mundo (cf. PHILIPON, *o.c.*, pp. 226-239). Jesus, “um” com o “Pai” (Jo 10, 30) e “um” com os “irmãos” (Jo 20, 17) foi de facto, o objectivo da vida de Isabel que quis “entrar no movimento da sua alma divina” (C 138), “identificar-se com todos os movimentos da alma de Cristo”, “como Adorador, Reparador e Salvador” (NI 15) para “exprimi-lo aos olhos do Pai” (UR 37) e “ser para Ele uma humanidade de acréscimo” (C 214). Neste sentido, Deus é tanto o centro do homem (CH 1, 12), quanto “o centro excêntrico do homem”. Cf. FRANS MAAS, *Dio come centro eccentrico dell'anima*, em *Concilium* (1977), pp. 139-149.

seguir: «Esta melhor parte, que parece ser o meu privilégio na minha bem-amada solidão do Carmelo, é oferecida por Deus *a toda a alma* de baptizado. Ele oferece-lha, querida senhora, entre os seus cuidados e solitudes de mãe» (C 129). Ela própria participou do dinamismo vital da unidade de amor de Jesus ao Pai e aos homens (Jo 17, 25; 15, 9), conforme se infere do seu cântico de Natal: «... “Casa de Deus”, em mim tenho a oração / de Jesus Cristo, o divino adorador / Ele transporta-me às *almas e ao Pai* / Pois é o seu duplo movimento» (P 88).

Apropriando-se do pensamento de Ruysbroec, transcreve que «a *vontade de Cristo* é a de que habitemos, também nós, nessa *unidade essencial...* de que *mesmo no meio dos actos mais práticos e mais diversos* façamos continuamente visita à nossa Imagem divina» (NI 17). E, ao comentar Jo 17, 24, explica novamente que «a sua *última vontade* é que estejamos fixos n'Ele, que moremos onde Ele mora, na *unidade de amor*» (CF 1). É o seu “permanecei em mim / no meu amor” (Jo 15, 4.9), o seu “se alguém me ama... *faremos n'Ele morada* (Jo 17, 23), manifestações do *desejo do Mestre* habitar em nós (CF 9), de que vivamos em comunhão “com as Três adoráveis Pessoas” (CF 14), de elevar a dignidade da nossa alma à igualdade de amor (CF 15), de que “*tudo se faça e suporte no amor*”, de que “a única tarefa seja amar”, isto é, crescer em amor (CF 16).

«Amar, para uma carmelita,
É entregar-se como Jesus.
Um amor verdadeiro nunca hesita,
Quer dar-se sempre mais.
Sejamos uma imagem fiel
De nosso Esposo sacrificado,
Tracemos em nós o modelo
Deste divino Crucificado.
Olhando-o noite e dia
Subamos a montanha austera,
É a morada do Amor,
Seu palácio e seu santuário.
Neste templo misterioso
Imolemo-nos de coração alegre» (P 94, 2).

Ora, isso obriga a “enraizar-se no amor”, melhor dito, n'Aquele que ama (UR 20), “enraizar-se em Cristo” (UR 33), que “está à porta, bate, entra, ceia sempre num eterno “agora” (CF 17), e sempre na “eucaristia” do seu corpo e sangue (Jo 6, 56), pela qual Ele vive em nós e nós n'Ele (CF 18). O seu desejo mais ardente foi comer a páscoa connosco (Lc 22, 15),

para que nós, arrebatados no *interior do amor*, sejamos pelo Espírito de amor atraídos à *unidade* da beatitude (CF 18), através da fé, meio para a *união* (CF 19), ou da “simplicidade de intenção” que *congrega na unidade todas as forças dispersas da alma* e que *une a Deus* o seu próprio espírito (CF 21), chamado a *unir-se* ao seu próprio princípio (CF 23).

O “grande desejo do Coração do nosso Deus — o da santidade — é realizável apenas pela *integridade do interior*” (CF 24) na presença de Deus (CF 25), e pela conformação à imagem do seu divino Filho (CF 26), no «enfrentar todas as coisas com a *mesma atitude interior* com que para elas se voltaria o nosso santo Mestre» (CF 27), «fundindo perfeitamente n'Ele a nossa vida» (CF 28). Já fomos predestinados em *união* com Ele (CF 31), resta agora viver em *contacto* com Ele “por dentro” (CF 32), «adorar em espírito e verdade», isto é, por Cristo e com Cristo (CF 33), conscientes de que «um fundo humilde é o vaso de que se necessita para a graça de Deus aí se derramar (CF 37), como desceu o dom de Deus ao seio d'aquela que foi a sua grande adoradora e portadora, a Virgem Maria, que ficou para sempre a *cativa* de Deus (CF 39), *modelo das almas interiores* que, pela *contemplação* de Deus e pelo *compadecimento* humano, possuem a *unidade de vida* (CF 40).

Segundo Jesus, não há dúvida nenhuma que “a única coisa necessária” é a *unidade de amor*, chave de prata com que abriu o seu retiro (CF 1), que é o mesmo que dizer, a *unidade de vida*, chave de ouro com que o fechou (CF 40).

João Paulo I recorda, nos nossos dias, a única coisa necessária de Jesus: «*Apontaste para o interior*. Os semblantes dos fariseus estavam emagrecidos pelos prolongados jejuns religiosos, e Tu: “Não me agradam esses rostos, o coração desses homens está longe de Deus”; *é o interior o que importa*, o coração é a medida para julgar...».¹⁹

Na linguagem de Isabel, a “única coisa necessária” é, em definitiva, “realizar o grande sonho do Coração do nosso Deus, a nosso respeito, é responder à nossa vocação e chegar a ser perfeitos *louvores de glória* da Santíssima Trindade” (CF 41).

¹⁹ JOÃO PAULO I, *Carta a Jesus*, Ed. A.O., Braga 1987, p. 19.

Maria e o Único Necessário

Ao começar o seu *Último Retiro*, na segunda quinzena de Agosto de 1906, Isabel Catez, traçou o seu programa completo de louvor de glória: o seu *nescivi*, o seu desejo único de não saber mais nada, senão Ele, e Ele Crucificado,²⁰ para que quando chegasse a estar “totalmente identificada com este Exemplar divino”, pudesse “mergulhar no seio da Trindade” (UR 1).

Logo a seguir, ela que “contemplou” a intimidade do coração de Maria a “contemplar” o de Cristo (P 88, 4), rememora o *nescivi* de Maria, nestes termos: «... Parece-me que também se pode dizer que “ninguém penetrou o mistério de Cristo na sua profundidade, a não ser a Virgem”. João e Madalena, viram bem longe neste mistério; S. Paulo fala muitas vezes da “inteligência que dele lhe foi dada” e, no entanto, como todos os santos ficaram na sombra quando se observa a lucidez da Virgem!...» (UR 2).

Na anterior quinzena, já havia escrito: «Há uma criatura que conheceu esse dom de Deus, uma criatura que não perdeu sequer uma parcela dele...» (CF 39). Ao contemplar a interioridade do mistério da Virgem da Encarnação²¹ narra, um pouco, a sua *vida interior*: «Mantinha-se tão pequena, tão recolhida em face de Deus, no segredo do seu templo, que atraía as complacências da Santíssima Trindade...» (CF 39). Aliás, «pela descida do Verbo nela, Maria ficou para sempre cativa de Deus» e «em tudo (mesmo junto à Cruz!), a Virgem permanecia a adoradora do dom de Deus!» (CF 40).

Parece-nos que o essencial da relação única e singular desta criatura, que foi “o grande louvor de glória da Santíssima Trindade”, com “o

²⁰ Foi, no período de trevas, do mal de Addison (1906) que, ao experimentar as provações mais dolorosas, se deteve na contemplação da alma de Maria (CF 38-40; UR 40-41) e, começou, então, «uma nova experiência de *intimidade* com a alma da Virgem»: «*nunca* a amei *tanto... choro de alegria* quando penso que esta criatura totalmente serena e luminosa é minha Mãe» (C 298). É a sua “Mãe da graça” (UR 2). «Com ela, partiu, na tarde da sua Assunção, a fim de se preparar para a vida eterna... atraída pela bem-aventurança... o Mestre põe todo o seu cuidado em prepará-la para a eternidade» (C 306). «Eis o que me quero fazer ensinar: a conformidade, a identidade com o meu Mestre, o Crucificado por amor» (C 307).

²¹ Pediu: “Mãe do Verbo diz-me o teu mistério”. Aprendeu dela a atitude de profunda adoração na Encarnação (C 183), querendo “passar pela terra como a Virgem” (C 185). Teve a “Mãe da graça” como “formadora” da sua própria interioridade (UR 2); introduz n’Aquele que ela penetrou tão profundamente (C 165); ensina a adorar Jesus em profundo recolhimento (C 136); reveste de Cristo (C 316); revela o doce segredo da união (209) e prepara para as bodas do Cordeiro (C 294). Na sua luz de virgem-mãe, viveu a sua vocação de carmelita e, na sua alma, adorou a Santíssima Trindade (C199).

Único Necessário”, que foi “o perfeito louvor de glória do Pai”, é por ela suficientemente cantado, a 25 de Maio de 1902, na festa da Santíssima Trindade, como acto de adoração do dom de Deus, que manifesta simultaneamente a alma da Virgem e a sua.

«Num profundo silêncio, uma inefável paz
 Uma oração divina que não cessa nunca,
 A alma toda invadida de claridades eternas
 Mantinha-se noite e dia Maria, Virgem fiel.
 Seu coração, como um cristal, reflectia o divino
 O Hóspede que a habitava, a Beleza sem declínio.

.....
 Ela atrai o Céu, e eis que o Pai
 Vai dar-lhe seu Verbo, para ser sua Mãe!
 Então, o Espírito de amor de sua sombra a cobre
 Os Três vêm a ela, é todo o Céu que se abre,
 Que pende e se inclina, *adorando o mistério*
Deste Deus que se incarna nesta Virgem Mãe» (P 79).

Sempre ao toque da graça, contemplou a elevação da Virgem — o seu cântico de louvor ao Senhor — que, pela sua humildade, sempre lucanamente engrandeceu a sua salvação, e apresentou-a como discípula do Amor. A 29 de Julho de 1905, festa de S. Marta, recorda a exemplaridade da caridade de Maria expressa no seu “fiat” à Palavra, como o seu melhor serviço de amor, a ser imitado por quem, querendo amar activamente, consente no mistério de ser amado no centro da sua pobreza de ser, de não-ser amor, de não saber amar.

«*Amar, é imitar Maria*
Exaltando de Deus a grandeza
Quando a sua alma arrebatada
Cantava seu cântico ao Senhor.
Vosso centro, ó Virgem fiel,
Era o aniquilamento.
Porque Jesus, Esplendor eterno,
Esconde-se no abaixamento.
É sempre pela humildade
Que vossa alma o engrandece» (P 94, 6).

Ao contemplar evangelicamente toda a vida de Maria, Isabel veio a saber do Espírito pela Palavra, que a Virgem conheceu o dom desse Amor-Amar como ninguém, no segredo do seu templo, com uma lucidez de penetração na profundidade do Mistério sempre revelado e escondido, na Encarnação ou na Cruz, gerador da humildade do deixar-se amar — que

engrandece o poder do seu Amor — para aprender o *nescivi* do não saber senão amar afectiva e efectivamente. Reside aqui, segundo Isabel, o fundamental da relação de unidade indissolúvel existente entre o “homem” e a “mulher” de Caná da Galileia (Jo 2, 4).

Maria e a única coisa necessária

Sempre carmelitanamente contemplativa, Isabel recorda, na linha lucana, o mistério de Maria, sempre indizível, porque sempre inalcançável: «é o inenarrável, o “segredo que guardava e meditava no seu coração”, e que nenhuma língua pôde revelar, nem pena alguma traduzir!» (UR 2).

Apesar do segredo de Maria ter sido pela Palavra e pelo Espírito revelado à Igreja e de ainda se manter secretamente guardado no seu coração, Isabel conseguiu, com seu olhar humano, seguir a profundidade da vida que emergia dentro da Virgem, reflexo da Vida do Simples e resposta luminosa ao Sol, e espelhar a unidade da sua vida em termos inesquecíveis. A partir da óptica diferencial do seu marianismo,²² atreveu-se, por impulso espiritual, a escrever literalmente quanto segue:

«Depois de Jesus Cristo, sem dúvida na distância que vai do Infinito ao finito, há uma criatura que foi também o grande louvor de glória da Santíssima Trindade. Foi ela quem respondeu plenamente à eleição divina, de que fala o Apóstolo: manteve-se sempre “pura, imaculada, irrepreensível” aos olhos de Deus três vezes santo. A sua alma é tão simples. Os movimentos de tal modo profundos que não se pode surpreendê-los. Parece reproduzir na terra essa vida que é a do Ser divino, o Ser simples. Pois é tão transparente, tão luminosa, que seria possível tomá-la pela luz e, no entanto, não é senão o “espelho” do Sol de Justiça: “Speculum justitiae!”... A Virgem conservava todas estas coisas no seu coração: é a inteira história dela que assim se pode resumir nestas breves palavras! Foi no seu coração que ela viveu e em tal profundidade que o olhar humano não a consegue seguir» (UR 40).

Texto de densidade irrepreensível, onde recolhe a história da vida inteira de Maria, toda ela passada na profundidade do seu coração, puro, simples, transparente, luminoso, recolhido, como modelo primeiro da

²² O seu marianismo teocêntrico (“Tudo em Maria diz relação a Deus”) é apresentado na óptica do reflexo divino, ou seja, de louvor de glória da Santíssima Trindade.

interioridade teologal (Trinitária: UR 40; CF 39. Cristológica: UR 2. Espiritual: NI 17; CF 44), em que consiste a unidade de vida.

«Quando leio no Evangelho “que Maria percorreu diligentemente as montanhas da Judeia” para ir cumprir o seu ofício de caridade junto a sua prima Isabel, vejo-a passar tão bela, tão calma, tão majestosa, *tão recolhida interiormente*, com o Verbo de Deus. Também a sua oração, como a d’Ele, foi sempre esta: “*Ecce, eis-me aqui!*”. Quem? “A serva do Senhor”, a última das suas criaturas: ela, a sua Mãe!» (UR 40).

Maria, ao unir, na sua vida, a contemplação com a acção, como “virgem fiel” e “serva do Senhor”, foi «o grande louvor de glória da Santíssima Trindade», não só como a perfeita predestinada a ser pura aos olhos de Deus, mas também como a criatura que deu a resposta plena à eleição divina, ao consentir que a sua alma fosse feita “espelho” de Deus — a imagem mais perfeita da simplicidade de Deus no mundo — isto é, pura, imaculada, irrepreensível, simples e unificada como Ele, no exercício da oração interior e da caridade, gozosa ou dolorosa, plenamente conforme a seu Filho crucificado (UR 41).

Para Maria, a “única coisa necessária” foi, sem dúvida, a unidade de vida teologal, na sua máxima interioridade orante e na sua máxima expressividade exterior de caridade. A sua unidade de vida fica, assim, como exemplo e exemplaridade, tanto para aqueles que «não consideram que há dentro (de nós) um mundo interior» (4M 1, 9), como para aqueles que «são muito activos e pensam abraçar o mundo com suas prédicas e obras exteriores» (CB 28, 3).

«Parece-me que a *atitude* da Virgem, durante os meses que decorreram entre a Anunciação e o Natal, é *o modelo* das almas *interiores*, dos seres que Deus escolheu para viverem de dentro, no fundo do abismo sem fundo. Com que paz, em que recolhimento, Maria se entregava e se prestava a todas as coisas! Como é que mesmo as mais banais eram por ela *divinizadas!* Porque, em tudo, a Virgem permanecia a *adoradora* do dom de Deus! Isto, porém, não a impedia de se entregar ao que era *exterior*, sempre que se tratava de praticar a caridade. Diz-nos o Evangelho que Maria percorreu diligentemente as montanhas da Judeia, para ir a casa de sua prima Isabel. Nunca a visão inefável, que *em si contemplava*, diminuiu a sua caridade *exterior*. Porque diz um piedoso autor, se a contemplação “tende ao louvor e à eternidade do seu Senhor, possui a unidade e não a perderá. Mesmo que chegue uma ordem do céu, *volta-se para os homens*, compadece-se de todas as necessidades, inclina-se para todas as misérias; é preciso que chore e que fecunde. Ilumina como o fogo, como ele, queima, absorve e devora, levantando ao céu o que devorou. E quando fez a sua

obra aqui em baixo, ergue-se, e retorna, abrasada no seu fogo, o caminho do alto”» (CF 40).

É de salientar, em dito texto, a mais absoluta e radical das suas afirmações sobre a unidade de vida teologal, a respeito da tendência interior de adoração e visão da sua contemplação e louvor do dom de Deus, e da tendência exterior de caridade voltada para os homens e suas necessidades e misérias: «*Nunca* a visão inefável que em si contemplava, diminuiu a sua caridade exterior». Que harmonia mais perfeita! É bem de ver que realmente «para ela tudo se reduz à unidade» (GV 8)!

Maria, na sua caridade adoradora do Amor e na sua visitação dadora do Amor, possui a unidade de vida, porque é o Amor «que estabelece a Unidade» (C 121), (o mesmo em nós). Se quisermos alcançar a unidade de vida, na escola do Mestre e de Maria, temos necessidade de que o amor realize em nós a unidade e saber que «*amar é imitar Maria...*» (P 94, 6), cientes de que a imitabilidade da exemplaridade de sua vida unificada é totalmente interior.²³

A unidade de vida de Maria Madalena

Depois de recorrer o exemplo de Jesus (CF 27) e de Maria (CF 4), Isabel da Trindade, que foi baptizada a 22 de Julho de 1880, dia de S. Maria Madalena, teve, talvez por tal motivo, um afecto singular para com esta enamorada de Cristo que, com a unidade da sua vida crística, bebida no P. Lacordaire,²⁴ em Teresa de Jesus,²⁵ e S. João da Cruz,²⁶ lhe serviu de exemplo e modelo para acender o seu próprio enamoramento do «sempre vivo» o Único Todo.

²³ «Et sicut sancta faciebat Maria, conferas in corde tuo», S. AMBRÓSIO, *De Institutione Virginis* 103, PL 16, p. 345.

²⁴ Cf. CF 6; C 75 e 227.

²⁵ TERESA DE JESUS, *7Moradas*, 4, 15. Aí descreve “a pior parte” de Maria, a saber, toda a sua vida e martírio de Marta, e a sua “melhor parte”, a de “tê-lo sempre consigo”, a de “ter amizade com o Senhor”.

²⁶ Cf. S. JOÃO DA CRUZ, *Cântico B*, 29. A exemplaridade da “unidade de vida” de M. Madalena, a que “andou enamorada” (2N 13, 6-7), chamou-lhe demasiado a atenção, que não a podia esquecer no ponto nevrálgico da passagem da vida duplamente activa e contemplativa à vida prioritariamente contemplativa, não desnecessariamente inactiva, mas de intensa passividade amorosa activa: «A propósito convém notar que enquanto a alma não chega a este estado de união de amor, convém-lhe exercitar o amor tanto na vida activa como na contemplativa, mas quando já chegou a ele, não lhe é

1. Maria Madalena e o Único Necessário

A 21 de Julho de 1901, em carta a M. Gollot, escreve com ansiedade e exortação amorosa: «Amanhã é (dia) de S. M. Madalena, essa amante apaixonada de Cristo pela qual tenho uma devoção de todo particular. Amemos como ela, que seja *o nosso modelo*, permaneçamos junto d'Ele, silenciosos, recolhidos, esquecendo tudo como ela e não vendo senão *o nosso Único Todo*, Aquele a quem tudo demos» (C 75).

Nota-se facilmente que Isabel está devotamente presa da imagem lacordairiana de uma *Madalena de Cristo*, a “apaixonada” do seu “Único Todo” e, por isso, o nosso modelo crístico: «amemos *como* ela» e, presa ainda, pela imagem joanina do *Cristo da Madalena* (Jo 20): «está sempre vivo, o Cristo de Madalena!» (P 84).

A interioridade teologal de Isabel muito deve a esta íntima reciprocidade de amizade de Cristo e Madalena, uma vez que, também para ela, a alma de Cristo constituiu o seu livro preferido (NI 12). Introduzida dentro do círculo crístico, torna-se iniciadora nos caminhos da vida cristã: «Ele é a tua alma e *a tua alma é Ele*» (C 227; CF 6), fazendo-nos partilhar da sua experiência interior: «que Ele seja através de tudo, *a tua Alma* e a tua Vida!» (P 84).

Ela, para quem «o ideal de santidade foi viver de amor» (NI 12), cujo *nescivi* foi «amar sempre sob todas as formas» (NI 13), e para quem ser esposa (mística) é «o Pai, o Verbo e o Espírito invadindo a alma, deificando-a, consumando-a no Uno por amor» (NI 13), relembra, na

conveniente ocupar-se em outras obras e exercícios exteriores, que lhe possam impedir um pouco aquela assistência de amor em Deus, embora sejam de grande serviço de Deus, porque é mais precioso diante d'Ele e da alma um pouquinho deste puro amor e aproveita mais à Igreja, embora pareça que não faz nada, que todas essas obras juntas. Por isso, M. Madalena, embora desse grande proveito com a sua pregação e depois ainda o viesse a dar maior, pelo grande desejo que tinha de agradar ao seu Esposo e de dar proveito à Igreja, se escondeu trinta anos no deserto a fim de se entregar toda a este amor, parecendo-lhe que de todas as maneiras esta era a que mais lucro lhe daria, pelo muito que aproveita e importa à Igreja o mínimo que seja deste amor» (CB 29, 2). A única coisa necessária é entregar-se ao amor, no exercício activo e contemplativo, até que, já na união de amor tudo seja “santo ócio da alma”: ... a alma neste estado de desposório espiritual anda ordinariamente em união e amor de Deus, (CB 28, 10) «... pelo que também desfalece para o que é vida activa e outros exercícios espirituais para cumprir de veras com aquela *coisa única* que o Esposo disse ser *necessária*, e é a assistência e contínuo exercício de amor em Deus (cf. Lc 10, 42) o qual Ele tem em tanto apreço e estima... pois não há obra *melhor* e mais *necessária* que o amor... o sono espiritual» (CB 29, 1). A “mestria de amar” (CA 39, 3) foi, aliás, toda a doutrina do ensinamento espiritual de S. João da Cruz para se chegar, pela caridade, à verdadeira união de vontade com Deus (3 S, 16, 1).

pessoa de suas tias Rolland, que “a única coisa necessária” é necessidade da unidade de amor, buscada pela ascese teológica do «permanecer, como Madalena, sempre junto do Mestre, contemplando-o com o olhar cheio de amor» (C 108).

A mesma interioridade esponsal com Cristo aparece, ainda, na pessoa da Sra. Angeles, a quem exorta: «amemos como Madalena amou», fazendo da «sua alma outra Betânia, repouso de Jesus, onde lhe poderá servir o festim do amor» (C 145). Como outrora Madalena na sua contemplação «O reconheceu sob o véu da humanidade» (C 235), assim hoje, confessamos que «o céu na fé é a Eucaristia» (C 165), que é «o sinal do amor de Jesus, que consome e atrai à *unidade* onde nos espera a beatitude» (CF 18).

Esta perspectiva eucarística do amor de Cristo, «sempre vivo» e a atrair à unidade de vida, é cantada por Isabel, a 6 de Agosto de 1902, em nome dos Três: começa o exergo do poema com o «*Unum necessarium*» (Lc 10, 42), o «Pai, que eles sejam consumados na *unidade*» (Jo 17, 21), o «Amo Christum» (gravado no seu crucifixo de profissão) e o «Quem cum amavero casta sum, cum tetigero munda sum, cum accepero virgo sum» (antífonas da festa de S. Inês) e remata-o com «Ele *consuma-te no Uno: é o sonho dos Três!*» (P 84).

A “invasão pelos Três, face ao crucificado” sugere, na pessoa da Ir. Maria da Trindade, a quem é dedicado o poema, a concretização da revelação de todo o poder do amor de Deus-Trindade como consumação na unidade de amor, a única coisa necessária, pela qual Cristo orou, e que não se realiza senão no amor a Cristo que, com o seu sangue, respondeu fielmente à invasão do único Amor dos Três, de uma vez para sempre gritado pelo Crucificado por amor, mas sempre vivo na caridade dos mártires de sangue (Inês) ou de amor «ao ver morrer o Senhor» (Madalena).

Esta exemplaridade amorosa de Madalena é realçada por Isabel que, em Betânia, encontrou o amor do Senhor:²⁷

«Minhas Irmãs, eu venho de Betânia / onde encontrei o Senhor... *Amar*
é, *como Madalena*, / *Nunca* deixar o Senhor / Manter-se na paz plena / Aos
pés deste divino Salvador. / Ela escutava em grande silêncio / “A palavra

²⁷ Isabel usa o termo “Betânia” mais num sentido simbólico que geográfico. Por exemplo: «ofereço-te a *cela do meu coração*, que seja este a *tua pequena Betânia*» (NI 5). Ainda: «que a sua *alma* seja uma *outra Betânia* onde Jesus vem repousar e onde lhe servirá o festim do amor» (C 145). Talvez influenciada por S. Catarina de Sena interioriza a pequena cela do Carmelo no seu coração (cf. C 89; 239; 261).

que Ele lhe dizia”. / Para melhor saborear a sua presença / Ah, tudo nela se calava. / Sua alma possuía enfim / *Jesus, o Único Necessário*. / Diante deste ser divino / Desaparecia toda a terra / *Envolvida no seu amor / Entregava-se sem retorno*» (P 94).

À luz deste amor de M. Madalena por Jesus, o seu Único Necessário, Isabel carmelitaniza e universaliza esta “única coisa necessária” como o permanecer contemplativo no amor do Salvador, sem distração de infidelidade possível: «Que a nossa vida decorra n’Ele... que esta seja a nossa mo-rada na terra. Façamo-nos silenciosas para escutar Aquele que tanto tem a dizer, e encontrar-nos-emos junto d’Ele para aprender tudo o que se canta na sua alma!... Eis a *vida da carmelita*. É, antes de tudo, uma contemplativa, *uma outra Madalena* que ninguém deve distrair do *Único Necessário*...» (C 164). De facto, quando o Mestre falava com Madalena, ela «... no silêncio, na *unidade* das suas potências, “escutava a palavra que Ele lhe dizia” (Lc 10, 39)... e “não sabia nada mais senão Ele” (UR 4). “Uma só coisa é necessária, Maria escolheu a melhor parte que não lhe será tirada” (Lc 10, 42). Esta melhor parte (da contemplação), que parece ser o meu privilégio na minha bem-amada solidão do Carmelo, é oferecida por Deus *a toda a alma de baptizado*. Ele oferece-lha, querida Senhora, mesmo entre os seus cuidados e solitudes de mãe. Acredite que a sua inteira vontade é de a conduzir sempre mais longe n’Ele. Entregue-se a Ele em todas as suas preocupações» (C 129). Assim mesmo o fazia ela nas suas ocupações do Carmelo: «para a carmelita uma só (coisa) existe: “amar, orar”» (C 168).

2. Maria Madalena e a única coisa necessária

Fica claro que, para Isabel, como para M. Madalena, “a única coisa necessária” é *amar* o Único Necessário (P 94), «como Madalena o amou» (C 145); é «permanecer sempre junto do Mestre, contemplando-o com um *olhar cheio de amor*» (C 108).

«Contemplando-o». A contemplação vivida por Maria, Madalena, Isabel, é a “única coisa necessária”.²⁸ Na linha de Ruysbroeck, «a *contem-*

²⁸ «Esta noção de *contemplação*, que possui a *unidade*, sintetiza quanto Isabel tentou viver na sua breve existência terrena; resume também o que, segundo ela, se encerra sob a vocação de chegar a ser “perfeitos louvores de glória da Santíssima Trindade” (CF 41): “permitindo ao Ser divino satisfazer nela a sua necessidade de comunicar tudo o que Ele é e tudo o que Ele tem” (CF 43)» (cf. G. della CROCE, *Juan Ruysbroeck en Isabel de Dijon*, M.C., Burgos 1984, p. 225).

placção possui a *unidade* e não a perderá, porque tende para o louvor e a eternidade e volta-se para os homens» (CF 40). Na contemplação, ao crescer o contacto com *Deus*, cresce também a comunhão *fraterna*,²⁹ visto «o amor do próximo nascer da raiz do amor de Deus» (5M 3,9).

Isabel, que nos apresentou o exemplo da unidade de vida de Maria (UR 40), mostra-nos agora Madalena como «tão belo modelo de alma contemplativa», inclusive para os sacerdotes: «... restar como Madalena... aos pés do Mestre, ávida de tudo ouvir, de penetrar cada vez mais o profundo no mistério da Caridade que Ele veio revelar-nos»; com palavras do P. Vallée diz que «o contemplativo é um ser que vive sob o olhar da Face de Cristo, que entra no mistério de Deus, não com a claridade do pensamento humano mas, com a luz da palavra do Verbo encarnado»; e «interroga o P. Chevignard: «Não tendes esta paixão de o escutar?... Não achais que na *acção*, enquanto se desempenha o ofício de Marta, a alma pode ainda permanecer inteiramente adoradora, sepultada como Madalena na sua *contemplação*, mantendo-se nesta fonte como sedenta...?» (C 158).

Alargando mais o horizonte, até ao campo laical, qualquer pessoa pode viver os *plurima* no *unum*, a multiplicidade das suas actividades na unidade de amor a Cristo, os ofícios de Marta e Maria, sem “separar o que Deus uniu”. Se se pode e deve ser «*contemplativo* na *acção*» (C 158), pode-se e deve-se ser na «*contemplação activo*» (C 124), como a própria Isabel o foi.³⁰ Recorda as saborosas palavras do P. Lacordaire sobre a unidade de vida crística amorosa de Madalena:

²⁹ S.T. do Menino Jesus, M.C., F. 12 v-º: «quanto mais estou unida a Ele, tanto mais amo também todas as minhas irmãs». Na linguagem evangélica: quanto melhor Maria, mais Marta. (cf. a *Recreação piedosa* “ Jesus em Betânia ”: «O *trabalho* é bem necessário / E eu vim santificá-lo / Mas de uma fervorosa *oração* / É preciso sempre acompanhá-lo». Ainda a C 148 (ed. Franc. Lt 169) : «Jesus defendeu-nos na pessoa de Madalena... que não pensava tomar alimento, mas em *dar prazer* Àquele que amava... Os Apóstolos *murmuravam* contra Madalena... É como no nosso caso, os *crístãos* mais fervorosos, os *padres* acham que somos *exageradas*, que deveríamos *servir* como Marta em vez de *consagrar* a Jesus os *vasos* das nossas vidas com os perfumes que neles estão encerrados...

Porém, que importa que os nossos vasos sejam quebrados se Jesus é *consolado* e o mundo, contra a sua vontade, é obrigado a *sentir* os perfumes que deles se exalam e que servem para purificar o ar contaminado que ele não cessa de respirar».

³⁰ Na linha sãojoanina (CB 29, 1-2), para Isabel a pura contemplação é a melhor ajuda à igreja e o melhor antídoto contra o activismo dos cristãos modernos todos “ voltados para o mundo ”. A carmelita, no puro amor de Deus, encontra o seu próximo : «como é *poderoso* o apóstolo que permanece junto à fonte... que comungado infinito... na fonte de Deus as almas encontram-se e, ao comungarem do mesmo amor de Deus, *consumam-se na unidade*» (C 124).

A vertente exterior da sua unidade de vida aparece na dimensão de *consagração* ao *serviço* do amor de Deus para ser o seu louvor de glória e *dá-lo* às almas (C 224; 191; 250).

«Gosto tanto destas linhas que o P. Lacordaire dirige a M. Madalena: “Quem procuras? Maria, não há mais nada a procurar, encontraste Aquele que não mais perderás. Já não perguntarás mais por Ele a ninguém da terra, nem a ninguém do céu, e muito menos a Ele; porque Ele é a tua alma e a tua alma é Ele. Separados por um momento, voltastes a encontrar-vos no lugar onde não há espaço, nem barreiras, nem sombra, mais nada que impeça a *união e a unidade*. Tu és *una* como Ele desejava, *una* como esperavas, *una* como Deus é com seu Filho, no fundo dessa essência que habitas pela graça e que um dia habitarás pela glória».

E, acaba interrogando e exclamando: «Não consideras que estas linhas são um pouco para nós (M. Gollot), minha pequena irmã? Ó, chegemos a esta “Unidade” consumada com Ele!» (CF 75), que é, recorde-se, «o sonho dos Três» (P 84). Este é o vértice da *vida contemplativa*, que é a antecipação da vida eterna no viver em “comunhão” de amor com o Deus-Trindade (CF 14; UR 43; DA 4), em que “Deus contempla Deus” (CF 17).

Sobra razão a Isabel quando conclui que estas linhas são, não “um pouco”, mas totalmente para nós pois, «está convencida que os ofícios de Marta e Maria não se excluem, que não só a *vida activa apela à contemplação* pessoal e à dos outros para ser fecunda, mas também que a *vida contemplativa* encerra em si pelo menos tanto de acção que a vida activa, e isto tanto quanto mais a alma se lhe entrega exclusivamente. O amor ao serviço de Deus é sempre também um serviço para com a obra de Deus (UR 13), a redenção das almas».³¹ Acaba de explicitar o seu auto-convencimento da dimensão orante e apostólica que a unidade de vida implica,³² quando se auto-retrata:

«A carmelita encontrou o *Único Necessário* / O Ser divino, Luz e Caridade / Envolvendo o mundo na sua *oração* / Eis que ela é *apóstolo* em verdade» (P 83).

³¹ H.U.von Balthasar, *o.c.*, 179.

³² «O seu *apostolado* está marcado pelo carácter particular da sua *missão contemplativa*, que tem a sua origem na predestinação e não se interrompe com a morte, mas continua, no céu, na eternidade, como ajuda orante (C 335), como ajuda a viver «em comunhão com o amor» (DA 4), como «vocação de louvor de glória da Santíssima Trindade» (DA 5), como serviço a Deus (C 313), como ofício eterno de adoração e louvor (CF 43-44). A sua mística é serviço. A sua vida consagrada ao amor (C 244; 250) confere a sua existência o carácter de ofício sacerdotal. O seu carisma é ofício de carmelita que complementa o do sacerdote (C 191). Cumpre o seu ofício eclesial qualificado ao sofrer pelas necessidades da Igreja (C 309) (Cf. H. U. v. Balthasar, *o. c.*, 181-182). «Encontrou no *mistério eucarístico* (Cf. 17-18) a fonte e raiz de sua *missão sacerdotal* na Igreja como *carmelita contemplativa*: eis como eu entendo o *apostolado* tanto para a carmelita como para o padre. Uma e outra podem dá-lo às almas... se permanecem sem cessar junto a estas fontes divinas...» (C 158). Cf. J. Castellano, *o. c.* 49-50.

Conclusão

Todas as interioridades unificadas atrás referidas — a de Jesus, a de Maria, a de M. Madalena, a da própria Isabel da Trindade (que apresentaremos noutro texto) — fazem parte daquela “nuvem de testemunhas” que nos ajudam “a sacudir o peso e pecado que nos cerca”, como seja a divisão, a dispersão, a distração, o intimismo ou o activismo, etc..., e “a correr, com perseverança, a carreira que nos é proposta, com os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé” (Heb 12, 1-2), *meio* pelo qual se procura e alcança a *união* com Deus e a fraternidade universal (CF 19).

Isabel da Trindade, a “coisa de Deus”, — «quero que vendo-me se pense em Deus»³³ — sentiu-se, objectiva e subjectivamente falando, feliz por pensar que o Pai, no seu “excessivo amor” (Ef 2, 4), a tinha *predestinado* (Ef 1, 4) para ser conforme à imagem de seu Filho (Rom 8, 29), o Crucificado por amor (C 324), e *destinado* a ser o louvor de sua glória (C 304). Tal pré-destino encarnou-o no destino de viver Cristo (Fil 1, 21), o Mestre adorado que por ela se entregou (Gal 2, 20), aceitando, por sua vez, a herança da cruz, no cumprimento da vontade do Pai (C 138), para se identificar com o Exemplar divino e realizar a sua vocação eterna de ser o incessante louvor de glória (C 304).

Ser o louvor de glória da sua graça (Ef 1, 12), como acabamos de ver, adveio-lhe, como relâmpago, em última análise, da visão paulina da nossa predestinação em Cristo (Ef 1, 4-6; Rom 8, 29-30). É esta imensa perspectiva do mistério da nossa predestinação em Cristo,³⁴ em quem o Pai quer “restaurar todas as coisas”,³⁵ que encaminhou Isabel da Trindade para

³³ Cf. Ir. A. M. do M. JESUS, O.C.D. *XIII Test. Proc. Ord. Dijon, Summ.*, p. 106.

³⁴ «No mistério da nossa predestinação em Cristo, encontra toda a sua missão de carmelita fundada e justificada dogmaticamente, bem como o seu esforço de oração, de contemplação, de conformidade com o Crucificado. O *mistério da predestinação* tornou-se o *horizonte da sua vida*, o seu ponto de partida e de chegada, a *regra a seguir* em todos os seus caminhos particulares, a estrutura ordenadora de todas as directrizes e esforços particulares da Igreja, o estímulo decisivo de todas as resoluções e sacrifícios»; H.U. von BALTHASAR, *o.c.*, p. 43. Concebeu de forma paulina o mistério da nossa predestinação em Cristo, como revelação suprema do amor de Deus, para quem “o único necessário” é «integrar mais perfeitamente e mais completamente a *resposta* do amor humano no plano do amor divino». Aliás, foi esta a sua maior responsabilidade: «para que *pessoalmente realize este plano divino*... eis que S. Paulo lhe traça a regra de vida de “caminhar em Jesus Cristo”» (UR 32). Foi, também, este «o centro da sua mensagem»; *ibid.* p. 62.

³⁵ O lema de S. Pio X (4 de Outubro de 1903) «Instaurare omnia in Christo», foi assumido por ela e canta-o na P 89, sob o título «Tout restaurer dans le Christ», e nos seus textos finais (CF 27; UR 32-35). Fomos eleitos para ser santos, para louvar a glória da sua graça, porque somos irmãos de Cristo, o primeiro eleito do Pai, em quem tudo se resume.

a contemplação do seu rosto original, actual e celeste. Não é de estranhar que ela nos oriente para a contemplação do nosso único rosto, na pessoa de uma jovem amiga (GV 9-10), de sua mãe (C 324), de sua irmã (CF 26-27; 31) e com o seu próprio *nescivi* (UR 1). Apoiada em S. Paulo, conduz-nos “da eternidade à eternidade”, do fluxo da nossa origem na eleição eterna da Trindade, através da presença ao “agora eterno”, até ao refluxo do nosso destino celeste (P 122). A contemplativa faz-nos contemplar, na fé, a nossa *gé-nese* (GV 3), o nosso *presente* (UR 25) e o nosso *fim* de louvor de glória (UR 6).

Em sua vida e escritos, cruzou a linha joanina da “unidade” (Jo 17, 21), com a linha paulina do “louvor de glória” (Ef 1, 12). Viveu, assim, a sua vocação de carmelita na unidade com Deus, conforme a oração sacerdotal de Jesus — que na sua última vontade (Jo 17, 24) quis que moremos onde Ele mora, ou seja, na *unidade de amor* (CF 1) — e, como profeta da união com Deus, quis revelar este segredo a todas as pessoas que amava, para que se unissem sempre a Deus através de todas as coisas (C 122). Gostava muito de repetir esta oração com Ele, para, no seu amor ardente, fazer convergir o céu (Deus) e a terra (homem) na unidade, uma vez que «a consumação foi todo o desejo do Mestre» (C 175). Daí fazer sua, não apenas a oração — «é com a sua alma que rezo» (C 175) — mas também a santidade de Cristo, para deixar desbordar as ondas da caridade infinita sobre as almas (C 191). Era deste modo como se identificava com a Sua glorificação do Pai e a Sua intercessão pela salvação de todos.³⁶ De igual modo, quer identificar-nos com o «último cântico de amor da alma do divino Mestre... para que, «na tarde de cada um dos nossos dias possamos repetir estas palavras» (Jo 17, 4), isto é, orar sacerdotalmente, glorificar o Pai, cumprindo a sua vontade — que é o que faz a união (C 224) — em todas as coisas, gozosas ou dolorosas, emanação do amor do Pai (C 264), que «através de todas as provas persegue o seu fim de “*unir-nos* mais intimamente com Ele” (C 224), aliás, como o faz na Eucaristia, que é a união, a consumação» (C 165).

Fica, pois, claro que o único meio para chegar a ser o “louvor de sua glória” (S. Paulo) é, seguindo a oração sacerdotal de Jesus (S. João), alcançar a unidade no seu próprio ser, para que ao unir-se a Deus, inteira-

³⁶ «A vida da Ir. Isabel, alimentada pela Palavra de Deus e configurada pela oração da Igreja, converte-se em pura contemplação, expressa com os sentimentos mais nobres do coração humano, identificando-se, assim, com os próprios sentimentos de Jesus ao alcançar os vértices da oração do Mestre, a sua oração sacerdotal de intercessão viva e a sua missão de ser perfeita eucaristia e louvor de glória do Pai»; J. CASTELLANO, *a.c.*, p. 53.

mente no interior, a alma se torne «um mesmo espírito com Ele» (C 175) e a estenda a toda a alma (UR 43). Ao «meu Pai, que todos sejam um» (S. João) corresponde o isabelimo «gostaria de dizer baixinho este segredo àqueles que amo para que também eles adiram sempre a Deus e que se realize a prece de Cristo: “Pai, que eles sejam consumados no uno!”» (C 122).

Até ao final da sua vida terrena — «vou para a Vida, a Luz, o Amor, depois de ter passado pela “grande tribulação” (C 313) — foi consciente de que só a consumação da unidade é o perfeito louvor de glória de Deus.³⁷ E acaba por morrer, na pura fé³⁸ de ter sido uma predestinada, uma identificada, uma unificada com o Amor, com mensagem, amabilidade e missão,³⁹ não só cumprida, mas a cumprir no coração da Igreja: a intimidade com Deus, como fonte de felicidade (C 302); o dom de cada minuto da vida para um “enraizamento” na união mais íntima com Deus e a intimidade com Ele “no interior” como sol da vida (C 333); o pedido da graça da união com o Mestre, o Ser que se chama Amor e quer que vivamos em comunhão com Ele (C 330); a herança da sua vocação eclesial de louvor de glória da Santíssima Trindade (DA 5) vivida num eterno presente (UR 44); a oração, a ajuda e o encorajamento a dar aos agonizantes e, sobretudo, a atracção à interioridade teologal unificada e comunicante, núcleo actualíssimo da sua missão, porque interpela fortemente o homem à união com Deus.⁴⁰

³⁷ «A última meta do seu processo espiritual — a paixão pela unidade total em Deus — acontecerá no céu, na casa do Pai, onde há muitas moradas (Jo 14, 2), onde se dará a consumação definitiva da unidade entre todos»; F. BRANDLE, *Para alabanza de su gloria*, M.C., Burgos 1984, p. 72. «O que mais chama a atenção na Ir. Isabel é a sua mensagem universal — os seus desejos de dizer a todas as almas (C 302; 340) — é a recuperação plena na sua vocação carmelitana da sua identidade baptismal, fonte inesgotável da sua contemplação, de sua oração litúrgica, de sua vida cultural, raiz última do nome novo com que brilha no firmamento da Igreja. Um nome de contemplação e de liturgia vivida: Louvor de glória»; J. CASTELLANO, *o.c.*, pp. 57-58.

³⁸ «Conforta-nos singularmente o facto de ela ter *morrido feliz na pura fé*»; F. de S. MARIE, *Liminaire*, p. 12.

³⁹ «A mensagem é o testemunho de amor apaixonado a Deus, à Trindade, a Cristo Crucificado... A missão é a sua palavra vital sobre a presença divina, como caminho normal, simples, fácil, sereno. O mais amável não é a sua doutrina, mas *ela própria*, no seu acabar-se ardendo em fidelidade de amor

e no nada tão humano do seu “não posso mais”; L. AROSTEGUI, *Purificación de la fe*, em *Isabel de la Trinidad*, Cuadernos 2, do Instituto de Espiritualidad a Distancia, Madrid, 1984, pp. 86-87. «O apelo da Ir. Isabel da Trindade é uma exortação urgente à Igreja de hoje para não se instalar no finito, mas viver já no eterno, no infinito da vida escondida com Cristo em Deus»; H.U. von BALTHASAR, *o.c.*, p. 95.

⁴⁰ «A Ir. Isabel da Trindade parece ter recebido por missão suscitar na Igreja uma multidão de “louvores de glória da Santíssima Trindade”... *A glória da Santíssima Trindade!* Tal é o testamento supremo da santa carmelita a todas as almas que quiserem segui-la no caminho da vida interior»; PHILIPON, *o.c.*, II, pp. 176; 170. «Esta mulher, predestinada desde a eternidade, para a vocação

- «Tua *missão* nesta terra / É saber apenas *amar* / É penetrar todo o mistério / Que Ele te veio revelar» (P 86, 2).

- «Ser *Salvador* com o meu Mestre / É ainda a minha *missão*» (P 88, 2).

- «Parece-me que, no Céu, a minha *missão* será de atrair as almas ajudando-as a saírem de si mesmas para *aderirem* a Deus por um movimento muito simples e todo feito de amor e de as guardar nesse grande silêncio do interior que permite a Deus imprimir-se nelas, transformando-as em Si próprio» (C 335).

Aqui, porém, estamos já, no dizer de Teresa de Jesus, diante «de outro perfume de outras flores das que por cá cheiramos». Ali, no Céu, os grandes desejos desta Esposa santa de Cristo, podem ser parafraseados com «aquela linguagem tão divina para o nosso propósito», já não terreno, como o de Teresa, mas celeste, como o de Isabel, que quis continuar, lá em cima, onde se consuma a união com os Três (UR 44), não só o ofício de Maria, *adorando* Aquele que vive pelos séculos (CF 44), como o de Marta, isto é, a *pedir activamente*, para todos, a graça da união com o Mestre (C 330) que, como sabemos, na inteligência conciliar, é a fonte da “unidade de vida” dos sacerdotes (P.O. 14), dos religiosos (P.C. 5; 7-8) e dos leigos (A.A. 4b).

«Entendo eu aqui que pede ao Esposo que a deixe fazer grandes obras em Seu serviço e bem do próximo. Por isso, folga de perder aquele deleite e contentamento; e embora seja *vida mais activa que contemplativa*, e pareça que perderá se Deus lhe conceder esta petição, quando a alma está neste estado (de união amorosa) *nunca deixam de trabalhar, quase juntas, Marta e Maria*; porque no que é actividade e parece exterior, opera o interior, e quando as obras activas saíem desta raiz, são admiráveis e olorossíssimas flores; porque procedem desta árvore do amor de Deus, e só por Ele, sem nenhum interesse próprio, espalha-se o olor destas flores para

carismática de ser o louvor de glória da Santíssima Trindade, que dá unidade à sua vida e abre um caminho novo de espiritualidade eclesial, recebeu a *missão* carismática de ser, eternamente na Igreja e no mundo, voz profética de interiorização teológica»; A. APARÍCIO, *Líneas fundamentales de su mensaje*, em *Isabel de la Trinidad*, Cuadernos 2, do Inst. de Espirit. a Distancia, Madrid 1984, pp. 12 e 17. «As razões principais da *actualidade da sua mensagem* são três: o *recolhimento* (interiorização, silêncio interior, solidão espiritual, oração) como remédio contra a *dispersão* e a alienação (perda da liberdade) do mundo moderno; a *configuração* com Cristo, centro da mística cristã e resposta às falsas místicas de hoje (místicas orientais do vazio); a *adoração* de Deus, vocação suprema do homem à transcendência e à escatologia, que nos preserva da antropolatria contemporânea, o maior pecado do nosso tempo (o homem moderno presta culto a si próprio, auto-adora-se, no seu medo, angústia, ateísmo, sem se encontrar consigo, nem com “o nosso Encontro”) e nos recorda que é pelo esquecimento de si, pela perda de si, pelo sacrifício de si, pela morte de si, pela saída de si e pelo serviço que se proclama que só Deus é, não só *louvado*, mas que, ofendido deve ser *reparado*, e que os perdidos necessitam de ser salvos pelo amor que intercede, se sacrifica e serve»; J. de S. MARIE, *La Cruz de Cristo y la Gloria de Dios*, M.C., Burgos 1984, pp. 94-98.

proveito de muitos, e é perfume que dura; não passa depressa, mas faz grande operação» (MC 7, 3).

Como esta Isabel da Trindade foi (é) Maria — «opera o interior na actividade aparente exterior» — e foi (é) Marta — «faz grande operação, e duradoura, em proveito de muitos» — dentro da Igreja, nova Betânia, casa de S. Marta (e de S. Maria!), onde «há-de haver de tudo» e onde «tudo é servir o Hóspede» (CV 17, 5-6)! «Andou com cuidado nas obras *exteriores*, recorrendo muitas vezes a Deus *interiormente*» (F 5, 17). Por isso, é «*uma* daquelas almas que aproveita mais à Igreja que *muitas*» (MC 7, 8), isto é, «faz mais com *uma* obra que com *mil*» (CB 29, 3), porque, nem a sua “interiorização”, a “desexteriorizou” — sendo Maria, não deixou de ser Marta (C 124) — nem a sua “exteriorização” a “desinteriorizou” — sendo Marta, não deixou de ser Maria (C 158) — porque no trono do seu coração reinava o amor — a única coisa necessária — para realizar a unidade de vida,⁴¹ expressada na oração, como união com o Mestre, e no serviço, como louvor da glória de Deus para os irmãos.

Esta eclesialidade da sua vida unificada, provoca-nos e desafia-nos, banhando-nos, por dentro e por fora, com o amor — o único Evangelho da unidade —, o fogo que nos consuma no Uno e nos torna diafania do “Único”. Consequentemente, o cristão verdadeiro é, segundo ela, um habitante de Betânia que, na cela da sua interioridade, como Maria, inhabita e é habitado pelos Três, e no seu espaço vital, como Marta, serve a mesa da criação e constrói a casa dos “irmãos em unidade” (Sl 133), orgulhoso de ser hóspede do Hóspede (Lc 14, 16).

Eis como propõe a unidade de vida a uma jovem amiga. Vale a pena transcrever na íntegra:

«Para chegar à *vida ideal* da alma, creio que é preciso *viver no sobrenatural*, quer dizer, nunca agir “naturalmente”... É necessário tomar consciência de que Deus está no mais íntimo de nós e com Ele tratar de tudo; então, nunca se é banal, mesmo ao fazer as acções mais vulgares, porque já não se vive nessas coisas, transcendem-se! Uma alma sobrenatural nunca tem trato com as causas segundas, mas somente com Deus. Oh! como é que, assim, a vida se simplifica, e como se aproxima da vida dos espíritos bem-aventurados, encontrando-se liberta de si própria e de todas as coisas! Para ela, *tudo se reduz à unidade*, a esse “único necessário” de que o Mestre

⁴¹ A Ir. Isabel da Trindade foi uma mística «que não reduziu a contemplação ao âmbito intelectual, mas orientou-a evangélicamente ao serviço concreto e eficaz do próximo»; C. MACCISE, *Espiritualidad de la Liberación*, NDE, p. 1106.

falava a Madalena. Então é que se torna verdadeiramente elevada, verdadeiramente livre, pois “encerrou a sua vontade na de Deus”» (GV 8).

Ao aproximar-se da vida dos espíritos bem-aventurados, necessariamente se aproxima da vida dos santos, que “chamados a abismos de glória” viveram “o mistério adorável da caridade”, não só contemplando-o, mas também participando dele em união esponsal: «Oh! Compreendo os silêncios, os recolhimentos dos santos que já não podiam sair da sua contemplação; assim Deus podia elevá-los aos cumes divinos em que o “uno” se consome entre Ele e a alma tornada esposa no sentido místico da palavra» (C 185).

A unidade de espírito, obra das mãos de Deus (NI 17), é o grande apelo que, na pessoa de sua amiga M. Gollot, Isabel deixa à Igreja, sacramento e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de toda a humanidade (L.G. 1):

«Ah!, minha irmã, aproximemo-nos mais e mais à “união de amor”, ao “Uno” com Ele! Sim, querida Margarida, deixemos a terra, deixemos todo o criado, todo o sensível, vivamos já no Céu com o nosso Amado. Não te parece que hoje Ele nos convida a segui-lo? Oh! Repara, sinto que Ele me chama a viver nas regiões infinitas em que o “Uno” com Ele se consuma!...» (C 54).

«Para que Ele consuma a união que sonhou no seu amor infinito» (C 149) — que, outrora, consumou na cruz (C 138) e, sempre, consuma na Eucaristia (C 165) — é preciso que «ambos não sejam *senão um*» (C 133), que «a única ocupação do nosso coração seja de o amar e de pensar n'Ele, sou eu que lho digo de Sua parte» (C 138). Ela diz-nos de Sua parte «duas palavras que para ela resumem toda a santidade, todo o apostolado: «União, Amor» (C 191).

Comentando Isabel, «que o ano de 1994 seja para as nossas almas uma cadeia de fidelidade em que cada anel, soldado pelo *amor*, nos *una* mais intimamente ao Mestre» (C 264). É todo o poder do amor!

«O *amor* quanto *mais uno*
tanto *mais amor* fazia» (S. João da Cruz, *Rom.* 1).

DESCIDA

AO MAIS PROFUNDO CENTRO

P. JEREMIAS CARLOS VECHINA

Que é o homem?

Que é o homem? Quem sou eu? Qual o sentido da vida humana? De onde venho, para onde vou, o que faço na vida? Estas interrogações que têm inquietado os homens de todas as épocas apresentam-se, hoje, com mais acuidade a todos aqueles que queiram viver a sua existência dum modo verdadeiramente humano.¹

Nunca como hoje se desenvolveram tanto as ciências antropológicas: biologia, fisiologia, medicina, psicologia, sociologia, economia, política, etc., ciências que intentam esclarecer a complexidade da natureza humana.

¹ T.H.Huxley escreve que esta é a *interrogação de todas as interrogações para a humanidade, o problema que subjaz a todos os outros e que mais do que qualquer outro suscita o nosso interesse*. O mesmo pensamento é manifestado pelo fenomenólogo Max Scheler: «Num certo sentido todos os problemas fundamentais da filosofia podem reconduzir-se à questão seguinte: que é o homem e que lugar e posição metafísica ele ocupa dentro da totalidade do ser, do mundo, de Deus». Citado por B. MONDIN, *O Homem quem é ele?*, EP, São Paulo 1980, p. 7.

Apesar deste aumento vertiginoso dos conhecimentos técnicos e analíticos da existência humana cresce cada vez mais a incerteza a respeito daquilo que constitui o ser profundo e último do homem.² Parece que estamos a assistir à mais profunda e ampla crise de identidade que o homem jamais atravessou. As palavras de Max Scheler, ressoam, hoje, com toda a sua intensidade: «Na história de mais de 10.000 anos somos nós a primeira época em que o homem se tornou, para si próprio, radical e universalmente um ser problemático: o homem já não sabe o que é e é consciente que não o sabe».³ E Martin Heidegger ao comentar a antropologia de Kant torna-se eco destas palavras de Scheler: «Nenhuma época como a nossa soube conquistar tantos e tão variados conhecimentos sobre o homem... contudo, nenhuma época conheceu tão pouco o homem como a nossa. Em nenhuma época o homem se tornou tão problemático como na nossa».⁴ Isto justifica os esforços de muitos pensadores actuais de elaborar uma nova antropologia filosófica.

Este debruçar-se sobre a essência do homem e o sentido da existência humana não nasce duma curiosidade científica desejosa de aumentar o seu saber. Estas grandes interrogações impõem-se por si mesmas e de tal maneira que o homem não pode a elas fugir; é obrigado a responder. Não é o homem que suscita os problemas é o próprio homem que se torna problemático devido à vida e condição em que vive. Este, se quer viver com sinceridade e autenticidade, tem que responder a estas perguntas.

«Que é o homem? Questão banal, questão magnífica, questão eterna. Há milhões de anos que os homens se agitam pela superfície do globo como formigas por uma senda do bosque, como mosquitos ao lado dum estanque; e desde então milhares e milhões de homens e mulheres se plantearam esta famosa questão. Fizeram-no incansavelmente, com a mesma angústia, com a mesma insistência, com o mesmo sofrimento. Porque nascemos à luz do dia? Porque amamos? Porque estamos destinados? Porque nos devoramos mutuamente? Parece-me que através dos caminhos da história, por cima da diversidade de povos e raças, esta interiorização do homem sobre si mesmo é o que domina e se eleva sem trégua, sem

² Cf. G.MARCEL, *L'homme problématique*, Paris 1955, pp. 73s.

³ Cit. por JOSEPH GEVAERT, *El problema del hombre*, ES, Salamanca 1991, p. 13.

⁴ Cit. por EMILIANO J. HERNANDEZ, *Quien soy yo?*, DDB, Bilbao 1990, p.16. Cf. J.Y.JOLIF, *Comprender al hombre*, ES, Salamanca 1969, p. 20.

descanso. Tudo o que dura, tudo o que une, as obras de arte como as religiões, têm por objectivo oferecer um balbucio de resposta a esta inquietante, a esta perpétua questão».⁵

A reflexão acerca das dimensões fundamentais do homem pode nascer da admiração e maravilha diante do universo ou do próprio homem e suas criações, da frustração e desilusão, do negativo ou vazio, da morte.⁶ A morte é o acontecimento que mais questiona o homem e lhe coloca as maiores e profundas interrogações.⁷

Ao longo da história milhões de homens têm reflectido e procurado solução a estas interrogações, mas estas respostas não dispensam ninguém de procurar por si mesmo a razão da sua existência, porque nenhuma delas nos podem satisfazer plenamente. Cada homem é um caso, um mistério, um problema; é irrepetível. «Homens são todos os que têm rosto humano e, contudo, a humanidade do homem supõe uma pergunta para cada um deles. Com os projectos, com acção e com estilo de vida, todos e cada um marcham à procura de uma resposta que os ilumine e convença».⁸

A reflexão feita pelos outros, sobretudo a reflexão sistemática é muito importante, será um estímulo e um guia mas nunca poderá substituir o esforço pessoal por esclarecer os problemas da própria existência. E viver a vida como vida humana significa vivê-la, em grande parte, na presença destas interrogações.

As perguntas que se colocam a todo o homem formula-as o Concílio Vaticano II da seguinte forma: «O que é o homem, qual o sentido e o fim da nossa vida, o que é o bem e o que é o pecado, qual a origem e finalidade do

⁵ G.HOURDIN, *Qu'est-ce que l'homme?*, Paris, 1954, 143.

⁶ Quem sou eu? Esta interrogação pode nascer da admiração diante do mar, duma floresta, do céu estrelado, do fascínio duma amizade ou do olhar inocente duma criança. É a experiência que traduz o salmo 8: «Que é o homem, para Vos lembrardes dele, o Filho do Homem, para dele cuidardes?». A mesma pergunta pode surgir carregada de amarga ironia como no caso de Job (7, 17).

Mas a maior parte das vezes levanta-se por uma experiência de fracasso, frustração ou conflito. Uma notícia adversa, a morte de um ente querido, uma desgraça, uma desilusão arrancam o homem da dispersão e mergulham-no no problema fundamental da sua existência. «Converti-me para mim próprio num grave interrogante». S. Agostinho, *Confissões*, IV, C. 4. Palavras que manifestam o trauma por ele sofrido por ocasião da morte dum amigo.

⁷ Como observa S. de Beauvoir a morte nunca é um acontecimento natural, «já que a sua presença põe o mundo em questão». Cf. *Une mort très douce*, Paris 1964, p. 164. E o marxista A.Schaff escreve no mesmo sentido: «A morte é de todos os modos o estímulo mais forte para reflectir acerca da vida. A ameaça da própria morte, e com mais razão a morte da pessoa amada». Cit. por JOSEPH GEVAERT, *El problema del hombre*, ES, Salamanca 1991, p. 20.

⁸ EMILIANO J. HERNANDEZ, *o.c.*, p. 22.

sofrimento, qual o caminho para se obter a verdadeira felicidade, o que é a morte, o julgamento e a recompensa que se lhe hão-de seguir, qual é, finalmente, aquele derradeiro e inefável mistério que envolve a nossa existência: donde partimos e para onde vamos?»⁹

E o Concílio compromete-se porque esperam dele uma resposta: «Os homens esperam das diversas religiões a resposta aos mais árduos problemas da condição humana que, hoje como outrora, continuam a perturbar os seus corações».¹⁰

A estas interrogações têm-se dado muitas respostas vindas dos mais variados campos. Nós vamo-lo fazer a partir da fé. E como o tema que me foi proposto tratar é: *Descida ao mais profundo centro*, vamo-lo fazer acompanhados de S. João da Cruz; ou então vamos acompanhar S. João da Cruz na descida que ele faz ao mais profundo centro da existência, para, a partir dessa experiência, que é irrepetível, cada um responder pessoalmente.

Antropologia sãojoanista

Antes de comerçarmos o nosso recorrido pelo interior do homem até chegar ao seu «mais profundo centro» convém ter umas certas noções de antropologia sãojoanista. S. João da Cruz, acerca do homem, recebe as ideias e principalmente a terminologia que pairavam no ambiente cultural do seu tempo mas serve-se de tudo isto como de uma andaimaria dando-lhe um conteúdo cristão marcado com o selo da sua originalidade. Ele vai beber à teologia escolástica, aos pensadores cristãos mas principalmente à Bíblia. Na sua antropologia encontramos ideias dos estratos do ser humano. Ele fala da parte superior e inferior do homem: «pois estas águas regando, penetram a alma e o corpo que é a parte superior e inferior».¹¹ E noutro lugar esclarece estes níveis: «já da parte da natureza inferior, que é a sensitiva, já da parte superior que é a racional; nestas duas partes se encerra toda a harmonia das potências e sentidos do homem».¹²

⁹ NE.1.

¹⁰ *Ib.*

¹¹ C., 3, 16.

¹² CE., 16, 10.

Para S. João da Cruz, o estrato inferior do ser humano é o corpo: «E nesta parte sensitiva inclui-se o corpo com todos os seus sentidos e potências, já sejam interiores como exteriores».¹³

S. João da Cruz não se detém a dar explicações acerca da realidade corporal do homem. Supõe tudo isso.¹⁴

A alma ocuparia na antropologia sãojoanista o segundo plano. Ele dá a esta palavra diversos significados. Pode tomar a parte pelo todo e assim quando fala da alma ou das almas entende toda a pessoa. Outras vezes contrapõe a alma ao espírito. Então a palavra alma indicaria a parte inferior do homem e a palavra espírito, a parte racional, a substância da alma, o mais puro, o mais próximo de Deus, onde Ele se comunica mais directamente e onde não chega a acção do demónio porque imagens sensíveis já ali não têm lugar.

O santo ao esclarecer a classe de *noite* porque passa a alma diz: «que indícios haverá para conhecer se aquilo é purgação da alma, e se o fôr, se é a do sentido ou a do espírito?»¹⁵ E no Cântico Espiritual escreve: «ela se recolhe a participar e gozar a seu modo das grandezas espirituais que Deus está comunicando à alma no interior do espírito».¹⁶ É verdade que certos místicos como Santa Teresa e S. João da Cruz falam do *corpo*, *alma* e *espírito*, mas apresentam, a partir da experiência, uma distinção tão subtil entre alma e espírito que quem não a tenha dificilmente dela se apercebe.

Alguns filósofos dos nossos dias, fazem esta mesma distinção, entendendo por alma a parte inferior, sede dos sentimentos e afectos, enquanto que o espírito será a sede dos actos mais imateriais e racionais.

O homem é um todo

Observando todas as interpretações que ao longo dos séculos se foram dando ao facto do homem ter uma existência corpórea e ao significado humano do corpo, vemos em todas elas marcas de divisão e dualidade.

¹³ CE, 28, 4A.

¹⁴ Cf. EULOGIO DE LA V.C., *La antropologia sanjuanista*, in *Monte Carmelo* 69 (Burgos 1961) pp. 47-90.

¹⁵ S, *Pról.*, 6.

¹⁶ CE, 40, 5.

Em todas as imagens do homem, tanto a nível pré-filosófico como filosófico, vemos certa dualidade e divisão. Mas também vemos, mesmo sumáriamente, que muitas antropologias, com certas influências platônicas e dualistas, colocam o acento principal na unidade do homem com o seu próprio corpo deixando na sombra a interpretação dualista.

Isto acontece com S. João da Cruz. Embora use termos próprios da filosofia grega que, por exemplo em Platão, tem um sentido especificamente dualista, a sua antropologia não o é.

S. João usa a mesma imagem de Platão. A alma está no corpo como uma prisão, mas enquanto que para Platão a perfeição consiste na subtração à influência do corpo e da matéria, para S. João da Cruz é tudo o contrário; ela vai-se aperfeiçoando através do corpo. «Se não é o que pelos sentidos vai conhecendo, por mais nenhum outro meio natural, se lhe comunica nada... E assim a alma, se não fôr o que se lhe comunica pelos sentidos, que são as janelas do seu cárcere, por outra via natural nada alcança».¹⁷

Esta imagem, corpo prisão da alma, tem um sentido simplesmente prático não ontológico. Prova disto é que S. João da Cruz afirma algumas vezes, e já no plano ontológico, que o corpo e a alma formam um só suposto. «Como estas duas partes são um só suposto, ordinariamente participam entre si do que cada qual recebe, mas ao seu modo».¹⁸ «Sem a purificação do espírito, pela comunicação que há duma parte à outra, em razão de ser um só suposto a purificação sensitiva não fica completa e perfeita».¹⁹

S. João da Cruz tem um sentido cristão do corpo; por isso mesmo não se pode acentuar a sua oposição com a alma. Numa carta dirigida a uma rapariga de Ávila recomenda: «procure o rigor corporal com discrição».²⁰ E ao falar da penitência do espírito que é aquela que mais agrada a Deus escreve o seguinte: «a penitência corporal, a qual, posta de parte a outra (espiritual) não é mais que penitência de animais, e como animais a ela se movem também pelo apetite e gosto que nisso encontram».²¹

¹⁷ 1S, 3, 3.

¹⁸ 1NE, 4, 2.

¹⁹ 2NE, 1, 1.

²⁰ Cta. 10.

²¹ 1NE, 4, 2.

Apesar desta união substancial entre o corpo e a alma S. João da Cruz é realista, tem pecado original. Se o homem é uno no seu ser, não o é no seu dinamismo. O Santo tem experiência do drama que o homem leva dentro, da falta de harmonia interior, e por isso a sua pedagogia consistirá em ir reduzindo pouco a pouco a tensão alma e corpo para fazer deste uma expressão do amor de Deus e um colaborador da santificação da alma, conseguindo deste modo um equilíbrio perfeito.

O homem no mundo

O homem sãojoanista, porque é um ser corpóreo, tem uma relação muito íntima com o mundo. Se se isola um corpo humano do resto do mundo, se se reduz a ele mesmo, morre por falta de alimento. E se esse isolamento é rigoroso, morre ainda antes, por falta de respiração. A realidade efectiva do corpo humano não termina nos limites da sua pele, mas envolve o mundo que o rodeia.

Mais ainda: a consciência do homem não se dá nunca em forma pura, acompanha o contacto concreto e real com as coisas e as pessoas. Quando falta este contacto, a consciência cai na impotência e no inconsciente. Se suspendemos a actividade dos sentidos e do corpo, a actividade humana fica suspensa.

«É evidente que S. João da Cruz se move fundamentalmente num mundo de realidades que podemos qualificar de interiores. Entendemos por *mundo* esse conjunto de valores, aspectos, dimensões, que uma pessoa percebe com interesse e integra vitalmente na sua existência. O mundo, neste sentido, não são as coisas por si mesmas, mas na medida em que são incorporadas, pela via do conhecimento e afecto, à vida do sujeito. Duas pessoas colocadas perante os mesmos objectivos e circunstâncias, percebem dois mundos diferentes e contrastantes, conforme a sua respectiva sensibilidade e escala de valores: sensibilidade religiosa ou económica, artística ou hedonista».²²

O homem corre sempre um risco. Pode fazer uma avaliação errada e construir uma falsa hierarquia de valores. Pode incorporar falsos valores, fazendo escolhas que em vez de o realizarem e promoverem violam e

²² FREDERICO RUIZ SALVADOR, *Interioridad psíquica y espiritual en San Juan de la Cruz* em VARIOS, *Dottore mistico*, Teresianum, Roma, 1992, p. 47.

ofendem a dignidade pessoal. O homem em conflito com ele mesmo cria conflitos com o mundo que o rodeia; e este exerce tirania sobre o homem. É este o espectáculo e a realidade que S. João da Cruz tem diante. O homem é um instrumento, a cítara desafinada que faz parte duma orquestra desafinada também, que é a criação, que é o mundo que o rodeia. S. João da Cruz perante esta situação apresenta um plano de ordenamento do território. Quer ordem, porque nem o homem é de Deus nem o mundo é do homem, e o homem é um ser para Deus e o mundo é para o homem; assim vive o homem como a mosca dentro da garrafa.

O santo no seu programa de vida tem em consideração o homem concreto, feito de carne e osso, submerso no espaço e no tempo. Este homem tocado nas suas raízes ônticas pelo pecado que leva em si a desordem das suas paixões e o alboroto entre a parte corporal e espiritual. Este programa está fundado na realidade do ser humano que trata de levar à sua perfeição. Daqui nasce a necessidade de ordenar todas as energias a este fim.

E este programa de vida é um processo de interiorização. Mas interior e interioridade para S. João da Cruz não é um espaço espiritual nem lugar físico. Algo que está aí adiante, ou dentro, dado, preexistente, fixo. A interioridade não significa um corte no trabalho, um espaço de tempo totalmente livre, um lugar afastado onde possamos ter a sensação de nos reencontrarmos no recolhimento. Isto pode dispôr a criar estímulos, mas não transforma. «A verdadeira interioridade é uma intensificação da vida, não um descanso da mesma».²³ Mais trabalho, mais oração, mais compromisso de todo o género porque se vai descobrindo a razão de ser, o sentido de tudo. A interioridade não é algo que se improvisa ou cultiva, como sector independente, como a oração ou o tempo de retiro, mas algo que apanha a totalidade da pessoa sempre e no conjunto.

«A interioridade é uma dinâmica de transformação, não recorrido físico ou psicológico. Trata-se de actuar a níveis mais pessoais, profundos e totais do sujeito. S. João da Cruz trata da interioridade como uma graça em vias de desenvolvimento, como um projecto ou programa de acção. É viver em contínua transcendência».²⁴

²³ *Ib.*, p. 41.

²⁴ *Ib.*, p. 55.

É um sair para entrar. Mas é um sair para ir atrás de Deus. Porque «o sair das coisas e entrar em si mesmo não proporcionam ao homem nenhum descobrimento novo da sua verdadeira interioridade. A chave está na realidade íntima do seu ser e da sua vida, que é Deus, verdadeiro centro e fundo do seu ser».²⁵

Deste centro irradia uma luz que permite ao homem conhecer-se a si próprio em profundidade e compreender as coisas na sua verdade e substância. «É de saber que este sair espiritualmente se entende aqui de duas maneiras para ir atrás de Deus; uma, saindo de todas as coisas, o qual se faz pelo aborrecimento e desprezo delas; a outra, saindo de si mesma pelo olvido de si, o qual se faz pelo amor de Deus».²⁶

Peregrino do Absoluto

O homem sãojoanista é existencialmente um ser peregrino. Encontra-se numa situação estranha, tem a sensação de ser um apátrida. Ele fugiu da sua morada original, da proximidade do *ser*. Deixou a Deus e voltou-se para as criaturas. Esta desorientação materialista, revelou-lhe pela negativa a sua condição peregrinante, a sua necessidade de voltar a ser, a encontrar o verdadeiro sentido da sua existência que é a sua verdadeira pátria.

S. João da Cruz convida o homem dum modo impressionante a passar pela *noite escura* da vida e a fazer, qual peregrino, a viagem, a percorrer o caminho de retorno à pátria, à proximidade do ser para escutar a palavra salvífica que responde a todas as suas interrogações. O homem sãojoanista deve assumir existencialmente a sua condição de peregrino se quer encontrar-se autenticamente a si mesmo e voltar à pátria de origem. Peregrinar é a sua vocação. É alguém sempre em rota, em êxodo, em caminho permanente à procura de sentido e

²⁵ *Ib.*

²⁶ CE, 1, 20. Esta é a dinâmica sãojoanista: sair de todas as coisas para entrar dentro de si e sair de si para entrar em Deus. O processo de interiorização não consiste simplesmente em *entrar dentro de si mesmo*; o movimento não finaliza no próprio eu onde a pessoa se auto-compraz. O homem continua transcendendo-se interiormente até entrar em Deus. Deus é a meta do movimento. Neste contexto o *entrar em si* leva consigo, simultaneamente, o *sair de si*. Cf. F.URBINA, *La persona humana en San Juan de la Cruz*, Madrid, 1956, p. 201.

autenticidade real. Ele sai perguntando e o perguntar já é procurar. E procura na direcção que lhe é dada por aquilo ou aquele que procura.

O homem sãojoanista sai da Trindade para a Trindade.

É assim que S. João da Cruz vê o projecto amoroso de Deus. Antes mesmo de ser criado já está envolvido no amor e ordenado para um destino de glória desde toda a eternidade. Por isso a alma «se conhece obrigada para com Deus antes mesmo que nascesse».²⁷

Sali trás ti clamando...

O homem sai clamando, porque está enamorado. *Com ânsias em amores inflamada*. É o amor que o move, um amor maior; porque só um amor maior pode fazer com que se deixem outros amores.²⁸ O homem sai de si, tocado por Deus, por um caminho e com um ritmo que são de programação divina.

Do *exterior* para o *interior*. Deus não faz outra coisa que seguir e respeitar os ritmos da sua própria obra, mas condescendendo muitas vezes... Com amor de mãe.²⁹ A condescendência faz parte da pedagogia divina.

Do *sentido* ao *espírito*, duas palavras fundamentais no vocabulário sãojoanista. «Assim vai Deus aperfeiçoando o homem ao modo do homem, pelo mais baixo e exterior ao mais alto e interior. Primeiro aperfeiçoa-lhe o sentido corporal... Assim vai Deus levando a alma de grau em grau até ao mais interior; não que seja sempre necessário guardar tão pontualmente esta ordem de primeiro e último, porque às vezes Deus faz um sem o outro, e vai pelo mais interior ao menos interior, e tudo junto; é como Deus vê que convém à alma ou conforme lhe quer fazer as mercês; mas a vida ordinária é como fica dito.

²⁷ CE, 1, 1.

²⁸ O homem sai clamando atrás de Deus porque as *profundas cavernas* do ser humano têm uma capacidade infinita que só pode ser saciada por Deus. A capacidade infinita do homem converte-se em tensão radical de toda a pessoa para Deus. Há um *sentimento deste vácuo e desta sede a mais que de morte*; o vazio do entendimento é *sede de Deus...veementíssima*; o vazio da vontade é *uma fome tão grande de Deus que faz desfalecer a alma*; e o vazio da memória é *o desfazer e definhlar da alma pela posse de Deus* (C, 3, 18, 19, 20).

²⁹ Cf. INE, 1.

Desta maneira, pois, a vai Deus instruindo e fazendo espiritual desde as coisas exteriores, palpáveis e acomodadas ao sentido, segundo a pequenez e a pouca capacidade da alma para que, mediante a casca daquelas coisas sensíveis que de si são boas, vá o espírito fazendo actos particulares e recebendo tantos bocados de comunicação espiritual, que venha a ter o hábito do espiritual, e chegue à actual substância do espírito que é alheia a todo o sentido». ³⁰ Deus vai-se comunicando (dimensão teologal) conforme a capacidade limitada do homem (dimensão antropológica) mediante as coisas sensíveis que são como a casca da realidade (dimensão simbólica).

Nasce daqui todo um dinamismo que é fruto da comunicação de Deus, cada vez mais interior, é crescimento místico em passividade e intimidade, e é também esforço do homem por abrir-se a essa comunicação de Deus desde zonas cada vez mais profundas e pessoais.

Passando pelo desconhecido

Neste sair e entrar acontecem coisas que nunca ao homem passaram pela cabeça. O homem é um mundo e em grande parte desconhecido. Alguém fala das duas metades do homem em que só uma é conhecida. Só uma aparece à luz, a outra permanece nas trevas, na escuridão. ³¹

E neste peregrinar para o interior Deus vai iluminando essas zonas ocultas pondo-lhe tudo à vista. É viagem gozosa para o homem porque está cheio de amor, mas é também dolorosa porque deve passar do familiar ao desconhecido, dum estado de consciência que goza de coisas belas, a outro que valoriza coisas diferentes. Muitas vezes o homem anda às apalpadelas. O terreno que pisa é desconhecido. Entra em zonas da alma que ordinariamente estão adormecidas e inconscientes.

O olho interior que até então estava fechado e adormecido começa a abrir-se e a despertar. Ouve vozes mais profundas. Têm lugar mudanças radicais. Começa a ver as coisas duma maneira nova. Parece-lhe que é uma

³⁰ 2S, 17, 4-5.

³¹ A psicologia do homem é como um iceberg; somente aparece à superfície, ou seja, à consciência uma mínima parte; o mais volumoso permanece na escuridão do nosso inconsciente, mas que não deixa de ser muito activo comandando frequentemente a nossa vida. Cf. 2NE, 10. S. João da Cruz compara a acção de Deus no homem ao fogo no madeiro. *Faz-lhe sair para fora as suas fealdades, vendo em si o que antes não via.*

pessoa diferente até mesmo aos olhos dos outros. «Outras vezes, escreve S. João da Cruz, pensa se é encantamento ou pasmo e anda maravilhada das coisas que vê e ouve, parecendo-lhe muito peregrinas e estranhas, sendo as mesmas que antes costumava tratar comumente».³²

Em todo este processo o homem vai crescendo, a sua consciência se expande e aprofunda; as zonas mais profundas da alma se vão actuando e iluminando; começa a aparecer uma unidade interior parecida à da *justiça original*.

Não obstante aparecem necessariamente os conflitos. O homem teme a viagem para o desconhecido e tenta agarrar-se àquilo que lhe é familiar. Por um lado o amor incita-o a seguir as pisadas do Amado, por outro, os prazeres das criaturas retêm-no. Vão-se abrindo novas zonas do chamado *inconsciente* e vê que nem tudo é bonito. Afloram coisas feias, coisas que chocam e inquietam, coisas que ele preferia não ver. Surgem grandes tormentos que o sacodem até às raízes do seu ser. É possível que se sinta aplanado por rachas de ira, por medos indefinidos, pela sexualidade tumultuosa ou por uma crispada rebelião contra Deus e contra os outros. Se algum tem qualquer tipo de tendência neurótica é este o momento em que pode aparecer e às vezes de uma forma intensa. Se algumas partes da nossa pessoa não foram satisfeitas no devido tempo é normal que neste momento reclamem a sua satisfação.³³

Esta *travessia nocturna* tem os seus conflitos, os seus fracassos, as suas desilusões, tentações e neuroses. O homem nesta viagem encontra por diante muitas barreiras inconscientes: a ira reprimida, o ressentimento enterrado, a falta de perdão; neuroses existentes no inconsciente humano desde a infância ou herdadas através de um inconsciente colectivo. É precisamente aqui que todas estas barreiras se derrubam.

O amor penetra nessas cavernas do inconsciente trazendo à superfície o medo, a ira, a sexualidade reprimida, etc. Expostas à luz, tudo o amor

³² 2NE, 9, 5.

³³ É interessante ler o que o santo escreve acerca dos vícios capitais nos primeiros capítulos do primeiro livro da Noite Escura. Razão tem Santo Agostinho quando diz que nem tudo aquilo que existe no homem está baptizado. Somos um mixto de luz e de treva, de anjo e de besta, maduros para o heroísmo e ao mesmo tempo solidários com todas as baixezas. O pagão e o ateu continuam aninhados nessa zona escura do inconsciente. Deus ilumina o homem e chama à consciência todo um potencial de contradição que se move no subsolo. O homem é atormentado pelo espírito de blasfémia (cf. 1NE. 14, 2) e de fornicação (cf. 1NE. 14, 1).

corrige, aperfeiçoa e sublima. A maior parte das pessoas tem momentos de angústia existencial, de solidão e medo da *noite*, e tenta fugir de tudo isto das mais diferentes maneiras. Nesta viagem o homem místico tem que se enfrentar, cara a cara, com o facto da sua contingência. Tem que experimentar a própria limitação e a possibilidade da separação de Deus. Isto é verdadeiramente terrível. É vislumbrar o inferno.

Este amor purificativo de Deus, «despedaça e rasga a substância da alma», «a alma sente que se desfaz e derrete... com morte de espírito cruel». E o que a «alma mais sente é parecer-lhe claramente que Deus a rejeitou; e aborrecendo-a a arremessou para as trevas». «A alma sente muito ao vivo a sombra e os gemidos da morte e as dores do inferno...; e mais: parece-lhe que é para sempre». «O mesmo desamparo e desprezo sente em todas as criaturas a seu respeito, particularmente dos amigos».³⁴

A este estado de espírito chama o homem sãojoanista «noite tempestuosa e horrenda».³⁵

Esta «purificação será mais ou menos forte e por mais ou menos tempo», «segundo o grau da união de amor que na sua misericórdia (Deus) lhe quer conceder».³⁶

Em direcção ao mais profundo centro

Perante a experiência da solidão e da morte o homem sãojoanista sai totalmente de si mesmo e cai no seu *mais profundo centro*, no *centro do coração do espírito*. Sem saber como o homem sai da noite e entra no dia. Sente-se banhado de Deus. Está sendo recebido constantemente de Deus. É dom, é graça. Vê que em primeiro lugar é de Deus só depois de si mesmo. É de Deus e para Deus. Este é o seu sentido ontológico e moral. Esta relação a Deus não lhe é algo acrescentado mas constitutivo do seu ser. O homem é ele mesmo por esta dependência de Deus; não pode ser definido senão por esta co-relação a Deus.

O centro da alma, para onde tendem todas as suas energias, é Deus não no sentido subjectivo ou real de centro como zona mais profunda da alma, mas num sentido que podíamos chamar objectivo ou intencional. «O

³⁴ 2NE, 6, 1. 2. 3.

³⁵ 2NE, 7, 3.

³⁶ *Ib.*

centro da alma é Deus, ao qual quando ela tiver chegado segundo toda a capacidade do seu ser, e segundo a força da sua operação e inclinação, terá chegado ao seu *último e mais profundo centro* em Deus, que será quando com todas as suas forças entenda e ame e goze a Deus; e quando não chegou a tanto como isto, como acontece nesta vida mortal, em que a alma não pode atingir Deus segundo todas as suas forças, embora esteja *no seu centro*, que é Deus, pela graça e pela comunicação que com ela Ele tem, por quanto tem ainda movimento e força para mais e não está satisfeita, embora esteja *no seu centro*, não está porém *no mais profundo*, pois pode ir ao mais profundo de Deus». ³⁷

Aqui tem lugar o contacto e união substancial de Deus. «Deleitando-me na substância da alma com a torrente do teu deleite em teu divino contacto e união substancial segundo a maior pureza da minha substância e capacidade e amplitude da minha memória». ³⁸

Harmonia universal

A partir daqui há uma irradiação. A interioridade é também uma das dimensões das coisas exteriores, que também é desenvolvida. S. João da Cruz compara-o ao grão de mostarda, que embora sendo uma pequena semente desenvolve-se até dar em árvore grande. «E deste íntimo ponto da ferida, que parece atingir o centro do coração do espírito, que é onde se sente o mais fino do deleite, quem poderá falar como convém? Porque a alma sente ali como que um grão de mostarda muito pequeno, vivíssimo e ardentíssimo que de si lança em circunferência um vivo e incendiado fogo de amor. Este fogo, nascendo da substância e virtude daquele ponto vivo onde está a substância da erva, sente-se difundir subtilmente por todas as espirituais e substanciais veias da alma, segundo a sua potência e força, com o que se lhe fortalece e cresce tanto o ardor, e neste ardor se afina tanto o amor que parecem nela mares de fogo amoroso que chega do alto e baixo das máquinas, enchendo tudo o amor». ³⁹ *As máquinas* são as esferas celeste e terrestre...

³⁷ C, 1, 12.

³⁸ C, 1, 17.

Vê-se aqui um contraste muito grande entre a pequenez deste ponto central e a sua força irradiadora que enche toda a criação. Este é o centro da alma mas governado e administrado totalmente por Deus. O cosmos fragmentado, o mundo e o homem divididos, aparecem agora unificados pelo amor. Na substância da alma Deus se manifesta como centro, não somente da alma, mas como raiz e realização eminente de todas as restantes criaturas. Como Rei e Senhor de tudo Deus se comunica secretamente à alma na sua íntima substância: «Esta recordação é um movimento que o Verbo faz na substância da alma, de tanta grandeza e senhorio e glória e de tão íntima suavidade que parece à alma... que todos os reinos e senhorios do mundo e todas as potestades e virtudes do céu se movem. E não só isto, mas que também todas as virtudes e substâncias e perfeições e graças e todas as coisas criadas, todas à uma reluzem e fazem o mesmo movimento.

E embora seja verdade que a alma vê ali que estas coisas são distintas de Deus, quanto ao ser criado, e as vê n'Ele com a sua força, raiz e vigor, conhece tanto que Deus é no seu próprio ser todas essas coisas com infinita eminência, que as conhece melhor no ser de Deus que nelas mesmas».⁴⁰

Daqui concluímos que o homem se interioriza na medida em que Deus entra na sua profundidade e dela se apodera. A criação interioriza-se na medida em que o homem interiorizado por Deus redescobre pessoas e coisas n'Ele e não somente nelas mesmas.

O homem interior não é aquele simplesmente que sai de si ou das coisas, das realidades terrenas, mas é aquele que sai de si mesmo e em si mesmo entra, até chegar ao seu *mais profundo centro* que é Deus; é aquele que sai das realidades e entra ao mesmo tempo nelas até encontrar o sentido de todas elas e descobrir a sua razão de ser. O homem interior é aquele que ao descobrir o sentido inscrito por Deus na natureza das coisas por ele se deixa mover. É aquele que desde a raiz do seu ser se encontra enraizado em tudo pela união com Deus.

³⁹ C, 11, 10.

⁴⁰ C, 4, 4-5. Razão tem G.Marañon quando escreve: «Coisa estranha: para ver a paisagem é necessário viver dentro de si mesmo. Na realidade, só vemos na sua imensa plenitude a natureza que nos rodeia quando somos capazes de a perceber, olhando-a lá no fundo do eu, como reflectida na água profunda e tranquila de um poço». Cit. por LUIS JORGE GONZALEZ, *La trans-personalidad y su horizonte*, México, 1980, p. 141.

Então o instrumento está afinado e toda a orquestra em sintonia.
E canta:

«A noite sossegada
tocando já com o surgir da aurora
A música calada
a solidão sonora
a ceia que recria e namora».⁴¹

Agora «a alma descobre uma admirável conveniência e disposição da sabedoria de Deus na diversidade de todas as suas criaturas e almas; todas e cada uma delas dotadas com certa relação a Deus, em que cada uma de sua maneira dê voz do que nela é Deus; e isto é para a alma uma harmonia de música subidíssima que sobrepassa todos os saraus e melodias do mundo... e assim todas estas vozes cantam, num concerto, a grandeza de Deus e a sua admirável ciência e sabedoria».⁴²

Conclusão

Concluimos que o homem só tem sentido à luz de Deus e que Deus é a plenitude do homem. Deus é o princípio e o fim do homem e por conse-guinte o agir de Deus a seu respeito é sempre um actuar de graça e por amor. O homem recebe de Deus a orientação radical de todo o seu ser, «tem a sua vida radical e naturalmente em Deus», «em Deus temos nossa vida, nosso movimento e ser», «tem sua vida natural em Deus pelo ser que d'Ele tem».⁴³ Sem este vínculo o homem «se aniquilaria e deixaria de ser».⁴⁴

O homem pode saber isto porque o diz a fé; mas há outro meio de conhecimento que é aquele que nasce da experiência. Santa Teresa escreve: «Importa muito, não só crer isto, mas procurar entendê-lo por

⁴¹ CE, 15.

⁴² CE, 15, 25-27.

⁴³ CE, 8, 3.

⁴⁴ 2S, 5, 3.

experiência».⁴⁵ E S. João da Cruz acrescenta a este propósito: «Isto creio que não acabará de entender bem quem o não houver experimentado».⁴⁶

Santa Teresa fala do conhecimento por experiência como de um conhecimento impresso nas entranhas. É um conhecimento místico, mas que Deus não deixará de dar a quem a ele se dispuser pelo conhecimento próprio. Não há conhecimento de Deus sem conhecimento do homem. «Do próprio conhecimento... como do seu fundamento, sai este outro conhecimento de Deus».⁴⁷ «Conhecimento de Deus e de si mesmo» nisto, para S. João da Cruz, «consiste o estado de perfeição».⁴⁸

O homem deve fazer o que está da sua parte, por isso, o Santo convida-o a peregrinar para o interior, que Deus iluminá-lo-á com a luz da contemplação para que ele veja o que só com a sua capacidade não enxergaria.

Termino com umas palavras de João Paulo II: «Penso que para compreender a dignidade do homem, as possibilidades da pessoa humana, é necessário passar, pelo menos uma vez, pela teologia sãojoanista; passar, diria, pela dimensão do homem que nos descobre a doutrina de S. João da Cruz. Então se saberá o que quer dizer *homem*. Então, o homem não se poderá esquecer da sua dignidade».⁴⁹

⁴⁵ CP, 28, 1.

⁴⁶ CE, 7, 10.

⁴⁷ 1NE, 12, 5.

⁴⁸ 2NE, 18, 4.

⁴⁹ Discurso pronunciado na Aula Magna da Faculdade TERESIANUM de Roma a 22/4/1979.

AS CELEBRAÇÕES DA IGREJA E A RENOVAÇÃO DO HOMEM

P. PEDRO FERREIRA

As celebrações da Igreja significam e realizam a renovação do homem. Cada uma constitui um sinal e uma acção renovadora do homem ao longo de toda a sua existência humana. A Igreja considera a liturgia como o «*exercício da função sacerdotal de Cristo*»¹ que, vindo a este mundo para renovar todas as coisas, instituiu um novo culto no qual o homem se renova e renasce para Deus. Cristo realizou a obra da redenção principalmente mediante o mistério pascal da sua vida, e do seu lado aberto na cruz nasceu o sacramento da Igreja.² Desaparecido pela morte, «*o que era visível no nosso Redentor passou para os mistérios*».³ E assim como Cristo tinha sido enviado pelo Pai, assim enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, para que anunciassem e realizassem a mesma obra da redenção: «*para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas*

¹ SC 7.

² Cf. SC 5.

³ S. Leão Magno, *Sermo 61 (74) De Ascensione Domini*, 2, 2: PL 54, 398.

⁴ SC 7; Cf. SC 6.

acções litúrgicas».⁴ Os gestos e os sinais das acções litúrgicas são tão visíveis e sensíveis na Igreja como o foram no Corpo humano de Cristo. Cada um deles significa e realiza a santificação dos homens. Por este motivo, *«qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, acção sagrada por excelência, cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, não é igualada por nenhuma outra acção da Igreja*».⁵ Nas celebrações da Igreja tudo é renovação: *«os sinais visíveis que a sagrada liturgia utiliza para simbolizar as realidades invisíveis foram escolhidos por Cristo ou pela Igreja*».⁶ Por este motivo, o Concílio do Vaticano II entendeu a reforma da Igreja a partir da liturgia e reconheceu que *«o interesse pelo incremento e renovação da liturgia é justamente considerado como um sinal dos desígnios providenciais de Deus sobre o nosso tempo, como uma passagem do Espírito Santo pela sua Igreja, e imprime uma nota distinta à própria vida da Igreja, a todo o modo religioso de sentir e de agir do nosso tempo*».⁷

Analisemos algumas celebrações da Igreja para encontrarmos os gestos e os sinais visíveis da obra renovadora que as acções litúrgicas realizam no homem. Porém, recordemos o que já Santo Ambrósio recordava aos neófitos nas catequeses *Sobre os Mistérios*: *«Não acredites só nos olhos do teu corpo. Mais segura é a visão do invisível, porque “o que se vê é passageiro e o que não se vê é eterno”*».⁸ *Mais segura que a visão dos olhos corporais é a visão da alma e do espírito*».⁹ Ou seja: importa reconhecer nos ritos das celebrações o que por eles é significado e realizado, mas sobretudo importa acreditar na acção renovadora realizada em cada celebração, para que pela fé se alcance a verdadeira renovação do homem.

⁵ SC 7.

⁶ SC 33.

⁷ SC 43.

⁸ 2 Cor 4, 18.

⁹ *Sobre os Mistérios*, 15: LH III, 506.

1. Os sacramentos da Iniciação Cristã

Os sacramentos da Iniciação Cristã libertam os homens do poder das trevas, configuram-nos com Cristo morto, sepultado e ressuscitado e conferem o Espírito de adopção filial.¹⁰ Pelo Baptismo os homens são incorporados em Cristo e passam a pertencer ao povo de Deus, e «*uma vez recebido o perdão dos pecados, são transferidos da condição humana em que nasceram para o estado de filhos adoptivos, feitos nova criatura pela água e pelo Espírito Santo: por isso, são chamados e são de verdade filhos de Deus*».¹¹ Pela Confirmação os homens são assinalados com o dom do Espírito Santo, configurados mais perfeitamente com o Senhor e cheios do Espírito Santo para testemunharem a Cristo e conduzirem o seu Corpo à plenitude.¹² Pela Eucaristia os homens «*comem a Carne do Filho do homem e bebem o seu Sangue, para receberem a vida eterna*».¹³ Assim: «*os três sacramentos da Iniciação Cristã de tal modo se unem entre si que levam à perfeita estatura os fiéis*»¹⁴. Tertuliano conseguiu explicar em síntese o mistério destes três sacramentos: «*a carne é lavada, para que a alma seja purificada; a carne é ungida para que a alma seja consagrada; a carne é marcada com um sinal, para que também a alma seja revigorada; a carne é coberta pela sombra da imposição da mão, para que a alma seja iluminada pelo Espírito; a carne é alimentada com o Corpo e o Sangue de Cristo, para que também a alma possa nutrir-se de Deus*».¹⁵

¹⁰ Cf. Iniciação Cristã, *Preliminares*, 1.

¹¹ Iniciação Cristã, *Preliminares*, 2.

¹² Cf. Iniciação Cristã, *Preliminares*, 2.

¹³ Cf. Iniciação Cristã, *Preliminares*, 2.

¹⁴ Iniciação Cristã, *Preliminares*, 2.

¹⁵ Tertuliano, *De resurrectione mortuorum*, VIII, 3: citado da *Constituição Apostólica sobre o Sacramento da Confirmação*, do Pontifical Romano da *Celebração da Confirmação*, Gráfica de Coimbra (Coimbra 1991) p. 13.

1. 1 - O Baptismo

O Baptismo é o primeiro sacramento e a porta da vida e do reino, e foi proposto por Cristo em ordem à vida eterna.¹⁶ Por este sacramento se entra na Igreja e «*a ninguém é lícito repeti-lo, uma vez celebrado validamente, ainda que pelos irmãos separados*».¹⁷ Pelo Baptismo os homens tornam-se participantes da natureza divina e filhos de adopção.¹⁸

Junto da fonte baptismal, a Igreja ora para que Deus dê a nova vida pela água e pelo Espírito Santo.¹⁹ Depois, invocando a bênção de Deus sobre a água, reza: «*olhai, pois, com amor, Pai santo, para a vossa Igreja e dignai-vos abrir-lhe a fonte do Baptismo. Receba esta água, pelo Espírito Santo, a graça de vosso Filho Jesus Cristo, para que o homem, criado à vossa imagem, no sacramento do Baptismo seja limpo das velhas impurezas e ressurja homem novo pela água e pelo Espírito Santo. (E tocando na água para significar o toque de Deus, continua:) Sobre esta água, Senhor, desça por vosso Filho a virtude do Espírito Santo, para que todos, sepultados pelo Baptismo na morte com Cristo, com ele ressuscitem para a vida*».²⁰ A acção baptismal é obra do Pai e do Filho e do Espírito Santo pelo ministério da Igreja.²¹

1. 2 - A Confirmação

A Confirmação é administrada pelos Bispos que, como sucessores dos Apóstolos, «*comunicam também o Espírito Santo àqueles que no Baptismo renasceram como filhos de Deus*».²² A homilia ou alocução do rito da Confirmação recorda-nos que «*embora em nossos dias a vinda do Espírito Santo já não se manifeste pelo dom das línguas, sabemos pela fé*

¹⁶ Cf. Iniciação Cristã, *Preliminares*, 3.

¹⁷ Iniciação Cristã, *Preliminares*, 4.

¹⁸ Cf. Iniciação Cristã, *Preliminares*, 5.

¹⁹ Cf. Ritual do Baptismo das Crianças, 53.

²⁰ Ritual do Baptismo das Crianças, 54.

²¹ Cf. Ritual do Baptismo das Crianças, 60.

²² Celebração da Confirmação, Gráfica de Coimbra (Coimbra 1991) p. 30.

*que este mesmo Espírito é recebido por nós, e actua invisivelmente na Igreja, fazendo-a progredir em unidade e santidade; é Ele que difunde a caridade em nossos corações e congrega os fiéis na unidade da fé e na multiplicidade das vocações. (...) Devereis ser diante dos homens testemunhas da sua paixão e ressurreição, de tal modo que a vossa vida difunda por toda a parte o bom odor de Cristo. (...) Sede, pois, membros vivos desta Igreja, e, guiados pelo Espírito Santo, procurai dedicar-vos ao serviço de todos os homens».*²³

A imagem perfeita de Cristo concedida pela Confirmação é descrita na oração de imposição das mãos sobre os confirmandos: *«enviai sobre eles o Espírito Santo Paráclito; dai-lhes, Senhor, o espírito de sabedoria e de inteligência, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de ciência e de piedade, e enchei-os do espírito do vosso temor».*²⁴

1. 3 - A Eucaristia

A Eucaristia é o centro de toda a vida cristã²⁵: *«Nela culmina toda a acção pela qual Deus, em Cristo, santifica o mundo. (...) Nela se comemoram, ao longo do ano, os mistérios da redenção, que, por esta forma, em certo sentido se tornam presentes. (...) Todas as outras acções sagradas e todas as obras da vida cristã, que com ela estão relacionadas, dela derivam e a ela se ordenam».*²⁶ Cristo instituiu a Eucaristia e confiou-a à Igreja como memorial da sua paixão e ressurreição.²⁷ É neste memorial que o homem é renovado, como reza a Igreja: *«Senhor nosso Deus, que pelo pão e o vinho apresentados ao vosso altar dais ao homem o alimento que o sustenta e o sacramento que o renova, fazei que nunca falte este auxílio ao nosso corpo e à nossa alma».*²⁸ Segundo esta fé, a Eucaristia é para renovação do homem todo: alimento que sustenta e sacramento que

²³ Celebração da Confirmação, 22: Gráfica de Coimbra (Coimbra 1991) p. 30-31.

²⁴ Celebração da Confirmação, 25: Gráfica de Coimbra (Coimbra 1991) p. 33.

²⁵ Cf. SC 41.

²⁶ IGMR, 1.

²⁷ Cf. IGMR, 2.

²⁸ *Sob., Dom XI TC*: MR 405; *Cf. Dco., Dom18Tco*: MR 412; *Dco., Dom26Tco*: MR 420.

renova, fortalece a alma e o corpo «*para que, inteiramente renovados, nos alegremos sempre com a plenitude deste remédio celeste*». ²⁹ A participação na Eucaristia é garantia da renovação espiritual e serve de remédio no presente e no futuro. ³⁰ Os santos mistérios foram instituídos para a renovação espiritual. ³¹ Os mistérios pascais são «*o acto sempre renovado da nossa redenção*». ³² A obra da renovação é atribuída ao Espírito Santo: o Baptismo purifica, o Espírito renova e o Sangue redime, ³³ mas sempre em relação a Cristo e suposta a fé: «*concedei-nos que, reconhecendo-O exteriormente semelhante a nós, sejamos por Ele interiormente renovados*». ³⁴ A renovação é à imagem de Cristo: «*assim como, pela nossa natureza, levamos a imagem do homem terrestre, levemos também, pela vossa graça, a imagem do homem celeste*». ³⁵ O momento alta da renovação do homem realiza-se mediante a morte e a ressurreição de Cristo. ³⁶ A renovação estende-se a todo o mundo ³⁷ e dela participa a natureza e o universo. ³⁸ A renovação do homem é uma obra mais admirável que o próprio acto da criação. ³⁹ A Páscoa «*renovou a vida do universo com uma nova criação e restaurou o género humano na sua integridade original*». ⁴⁰ Os frutos da renovação são uma vida santa. ⁴¹ O fruto das boas obras também renova o espírito. ⁴²

A Missa é, certamente, a celebração da Igreja mais rica em teologia. Nela se desenvolvem os grandes temas da fé que conduz à salvação, para que a participação nos mistérios da renovação cristã seja consciente, activa e plena, de corpo e espírito. ⁴³

²⁹ *Dco.*, *2fe1Qua*: MR 176.

³⁰ Cf. *Dco.*, *5fe1Qua*: MR 179.

³¹ Cf. *Sob.*, *Sab1Qua*: MR 181.

³² *Sob.*, *SabOitPas* e repetidos: MR 334, 337, 345, 349, 351, 359, 365.

³³ Cf. *Col.*, 2, *DomPas*: MR 335; *Col.*, *DomPas*: MR 327; *OraBenPov.*, 21: MR 573.

³⁴ *Col.*, *Bap e 3feDepEpi*: MR 153, 157.

³⁵ *Col.*, *6feSanta*: MR 252.

³⁶ Cf. *Dco.*, *5fe2Pas* e repet.: MR 339, 343, 353, 357, 363, 367; e *Dco6feTri*: MR 279.

³⁷ Cf. *Col.*, *2fe4Qua*: MR 201.

³⁸ Cf. *PreNat2*: MR 458.

³⁹ Cf. *Col25DezDia*: MR 141.

⁴⁰ *PrePas4*: MR 472.

⁴¹ Cf. *Dco6fe4Qua*: MR 205.

⁴² Cf. *Col4fe1Qua*: MR 178.

⁴³ Cf. *IGMR* 3.

2. A Penitência

A celebração do sacramento da Penitência é em ordem à remissão dos pecados. Professando a fé «*num só baptismo para a remissão dos pecados*» (Credo), a Igreja celebra o sacramento da Penitência «*para que os fiéis que, depois do Baptismo, cairam no pecado se reconciliem com Deus, pela renovação da graça*». ⁴⁴ Para renovação do homem, a Igreja tem «*a água e as lágrimas: a água do baptismo e as lágrimas da penitência*». ⁴⁵ A acção renovadora da Igreja situa-se na continuidade de Cristo: exorta à penitência, acolhe os pecadores e reconcilia-os com o Pai. Desta forma, a Igreja realiza a missão de celebrar e proclamar a remissão dos pecados ⁴⁶ que restitui ao homem a perfeita imagem de Cristo, recebida no Baptismo e perdida pelo pecado. A condição humana, sujeita à tentação e ao pecado, dispõe sempre da penitência para renovação contínua, a fim de que onde abunde o pecado superabunde a graça. ⁴⁷

As diferentes formas de celebração da Penitência correspondem às diferentes situações dos pecadores que podem recorrer ao sacramento de modo individual ou comunitário, segundo as circunstâncias. Os ritos da renovação penitencial constam do encontro inicial, que quando individual deve ser muito humano e quando comunitário deve recorrer ao canto, da proclamação da Palavra de Deus que exorta à penitência e ilumina o coração, da confissão dos pecados, da absolvição do ministro e do louvor a Deus pela misericórdia do Pai que reconciliou o mundo pela morte e ressurreição de Cristo e enviou o Espírito Santo para remissão dos pecados. A Igreja exerce o ministério do perdão e da paz e absolve os pecados em nome do mesmo Pai, Filho e Espírito Santo em que se foi baptizado para remissão dos pecados.

⁴⁴ Celebração da Penitência, *Preliminares*, 2.

⁴⁵ S. Ambrósio, *Epist.* 41, 12: cit. de Celeb. da Penitência, *Preliminares*, 2.

⁴⁶ Cf. Lc 24, 47.

⁴⁷ Cf. Rom 5, 20.

3. A Unção dos Enfermos

As doenças físicas e espirituais fazem parte da condição humana. Cristo experimentou-as para as curar e nos deixar o remédio. A Igreja administra a unção dos doentes como forma de ajuda aos enfermos nas provações que os tornarão dignos do regresso ao Pai. *«O homem gravemente doente necessita de uma peculiar graça de Deus para que não perca o ânimo na aflição, nem, pela força das tentações, venha a fraquejar na fé. É por isso que Cristo concede aos seus fiéis o sacramento da Unção, como defesa poderosíssima. A celebração do sacramento consiste, principalmente, em que, depois da imposição das mãos pelos presbíteros da Igreja, se diga a oração da fé e unjam os doentes com o óleo santificado pela bênção divina. Com este rito é significada e conferida a graça do sacramento»*.⁴⁸

Nos momentos em que o homem experimenta os efeitos do pecado e a condição de homem velho, o próprio Criador intervem com o ministério da Igreja para renovar com a graça e criar o homem novo. *«Este sacramento confere ao doente a graça do Espírito Santo, pela qual o homem todo é ajudado em ordem à salvação, confirmado na confiança em Deus e fortalecido contra as tentações do inimigo e a ansiedade da morte. Assim poderá não só suportar com fortaleza, mas ainda vencer os males e obter a própria saúde corporal, se essa lhe aproveitar à salvação da alma. Confere também, se necessário, o perdão dos pecados e a consumação da reconciliação cristã»*.⁴⁹

Os ritos mais importantes desta celebração são a imposição das mãos sobre a cabeça do doente feita em silêncio pelo sacerdote, a oração da fé⁵⁰ e a unção com o óleo santo. Desta forma, o doente é fortalecido pelo Espírito Santo que desce na imposição das mãos e pela fé da Igreja que unge o crente para que lute o combate da morte de modo a alcançar a vida. Trata-se de uma renovação que diz respeito a todo o homem e suas dimensões físicas, morais, espirituais, interiores e exteriores.

⁴⁸ Ritual da Unção, *Preliminares*, 5.

⁴⁹ Ritual da Unção, *Preliminares*, 6.

⁵⁰ *«Por esta santa unção e pela sua piíssima misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, liberto dos teus pecados, Ele te salve e, na sua bondade, alivie os teus sofrimentos»* (Ritual da Unção, 102).

A história dos homens que souberam ser homens abunda em testemunhos da maior renovação espiritual no momento da maior decadência humana. Cristo enfrenta a morte com determinação: «Ninguém Me tira a vida, sou Eu que a dou por mim mesmo». ⁵¹ Paulo exclama: «Estou crucificado com Cristo! Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim». ⁵² João da Cruz, chamado pela voz do sino que indicava aos confrades a hora de matinas, exclama: «vou cantar matinas para o céu».

4. A Ordem

O sacramento da Ordem é também em ordem à renovação do homem. «Pela sagrada Ordenação alguns fiéis são instituídos em nome de Cristo e recebem o dom do Espírito Santo para apascentarem a Igreja pela palavra e pela graça de Deus». ⁵³ Este ministério é exercido em ordens diversas: Bispos, Presbíteros e Diáconos. Por este sacramento os ordenados são renovados e configurados com Cristo Mestre, Sacerdote e Pastor, em ordem à renovação e configuração dos fiéis com Cristo que actua por meio dos ministérios ordenados. Na oração de ordenação dos presbíteros, o Bispo ora deste modo: «Constituí estes vossos servos na dignidade de presbíteros; renovai em seus corações o Espírito de santidade. (...) Sejam, juntamente conosco, fiéis dispensadores dos vossos mistérios, para que o povo que Vos pertence renasça pelo banho da regeneração e se alimente do vosso altar, os pecadores se reconciliem e os enfermos encontrem alívio». ⁵⁴

A obra renovadora de Cristo é assegurada pela Igreja mediante o exercício dos ministérios ordenados.

⁵¹ Jo 10, 18.

⁵² Gal 2, 20.

⁵³ Pontifical das Ordenações, *Preliminares Gerais*, 1.

⁵⁴ Pontifical das Ordenações, *Ordenação dos Presbíteros*, 131.

5. O Matrimónio

A vida matrimonial é talvez a mais sensível à renovação do homem. A celebração do sacramento do Matrimónio descreve e celebra a renovação do homem a partir da união dos conjugues, que é sacramento da união de Cristo com a Igreja. Cristo renunciou à glória celeste para desposar a humanidade, a Igreja renunciou ao culto dos ídolos para desposar em Cristo o Deus verdadeiro: as núpcias foram celebradas na cruz, onde o Cristo morto e a Igreja nascida constituem uma unidade indissolúvel que a ressurreição vem confirmar. As aparições de Cristo ressuscitado falam da sua presença na Igreja: *«o que era visível no nosso Redentor passou para os mistérios»*⁵⁵ e o matrimónio cristão é um destes mistérios. O esposo que deixa tudo em favor da esposa e a esposa que se entrega de corpo e alma ao esposo para formarem uma nova vida, tornam-se sacramento de renovação para eles próprios que deixam de ser individualidade para ser comunidade capaz de gerar nova vida e renovar a vida humana. A união das mãos significa a união dos corações e das vidas. O compromisso que ambos assumem perante Deus, representado pelo ministro, e perante os homens, representados pelos padrinhos, significa vontade e determinação de colaborar com Deus na obra da renovação de todas as coisas em Cristo: *«recebo-te a ti ... por minha esposa (meu esposo) e prometo ser-te fiel e amar-te e honrar-te, tanto na prosperidade como na provação, por toda a nossa vida»*.⁵⁶ A este compromisso humano junta-se a bênção divina do Pai e do Filho e do Espírito Santo e a união torna-se *«sagrada, porque tem o selo de Deus»*.⁵⁷ A aliança que os esposos se oferecem é sinal de amor e fidelidade também em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

A celebração do Matrimónio gera nos noivos a vida divina que os renova e os desposa e torna fecundos no corpo e no espírito, de modo que todo o viver matrimonial se torna mistério revelador da fecundidade da vida que é divina.

⁵⁵ S. Leão Magno, *Sermo 61 (74) De Ascensione Domini*, 2, 2: PL 54, 398.

⁵⁶ Celebração do Matrimónio, 25.

⁵⁷ Celebração do Matrimónio, 27.

6. A Liturgia das Horas

A oração é uma das principais funções da Igreja.⁵⁸ A Liturgia das Horas é a oração da Igreja que melhor revela a sua vocação e missão orante. Cristo veio a este mundo para comunicar a vida divina e introduzir na terra o hino que se canta no céu⁵⁹: o céu na terra e a terra já céu. Os Evangelhos apresentam-nos com frequência Jesus a orar: *«a sua actividade quotidiana vemo-la estreitamente ligada à oração, como que nasce da oração. (...) Até aos derradeiros momentos da sua vida — próximo já da Paixão, na última Ceia, na agonia, na Cruz — o Divino Mestre apresenta-nos a oração como sendo a alma do seu ministério messiânico e do termo pascal da sua vida. (...) Finalmente, ressuscitado de entre os mortos, continua sempre vivo a interceder por nós»*.⁶⁰

A Liturgia das Horas santifica o dia e toda a actividade humana⁶¹ e estende aos diferentes momentos do dia o que é próprio do mistério eucarístico.⁶² Cristo exerce o seu sacerdócio e realiza a obra da redenção *«não somente na celebração da Eucaristia e na administração dos Sacramentos, mas também, e dum modo primacial, na Liturgia das Horas»*.⁶³ Nesta oração opera-se a santificação do homem, que resulta do intercâmbio e diálogo entre Deus e o homem. Este diálogo orante humaniza a Deus e diviniza o homem: todas as criaturas se renovam quando a Igreja ora e canta.⁶⁴ Através da oração, a Igreja exerce uma verdadeira maternidade para com as almas.⁶⁵

O vértice e a fonte da actividade pastoral da Igreja encontra-se na Liturgia das Horas.⁶⁶ Nesta oração se revela o verdadeiro rosto da Igreja, por vezes desfigurado com as actividades pastorais e caritativas. A fecundidade da acção apostólica encontra-se na oração, e concretamente na oração da Igreja proposta na Liturgia das Horas.

⁵⁸ Cf. IGLH, 1.

⁵⁹ Cf. IGLH, 3.

⁶⁰ IGLH, 4.

⁶¹ Cf. IGLH, 11.

⁶² Cf. IGLH, 12.

⁶³ IGLH, 13.

⁶⁴ Cf. IGLH, 14.

⁶⁵ Cf. IGLH, 17.

⁶⁶ Cf. IGLH, 18.

Conclusão

A análise das celebrações litúrgicas da Igreja, permite-nos descobrir a força renovadora destes ritos e acções sagradas. A renovação do homem vem de Deus e da acção santificadora que os ritos significam e as celebrações realizam. A vida interior encontra nas diferentes celebrações da Igreja a melhor realização e manifestação, desde o Baptismo à Unção dos doentes e durante todo o tempo da vida humana.

Os maiores segredos e mistérios da vida interior revelam-se nas celebrações e estas tornam fecunda a vida interior. A acção renovadora da graça e a actividade regeneradora do homem realizam em conjunto a renovação do homem. A vida diz a verdade das celebrações, como o exterior diz a verdade do interior: o homem é uma unidade de vida, que nasce do mais íntimo do ser humano, onde Deus estabeleceu a sua morada e lugar de delícias.⁶⁷

O homem de todos os tempos, lugares e culturas precisou e continua a precisar das celebrações para se renovar e perpetuar. A renovação brota do mais íntimo do próprio homem, e na perspectiva das celebrações cristãs Deus habita no homem como seu templo e nele realiza o verdadeiro culto que assume toda a vida e diz respeito ao homem todo. A Encarnação do Filho de Deus e a inabituação da Trindade no homem estão na origem da renovação do homem, tal como é descrita e realizada nas celebrações litúrgicas da Igreja.

⁶⁷ Cf. Prov 8, 31.

COMENTÁRIO AO *DESENHO DO CRISTO* DE S. JOÃO DA CRUZ

SALVADOR ROS GARCÍA

Este pequeno desenho de Cristo crucificado — o seu tamanho original é de 57 por 47 mm — foi pintado por S. João da Cruz nos anos da sua permanência em Ávila (1572 - 1577), sendo vigário e confessor do mosteiro da Encarnação, onde se conserva ainda actualmente. Apesar de se desconhecer a data exacta da sua composição, parece que tudo indica que esta amostra plástica é anterior às outras expres-



sões literárias do autor, ou, quando muito, contemporânea às suas primícias poéticas, razão pela qual, além do seu evidente patetismo e da originalidade do seu ponto de vista tão peculiar, este desenho merece ser considerado como o pórtico de toda a sua obra e como uma referência importante para a compreensão do seu sistema místico.

Trata-se, efectivamente, de um desenho único e genial, que representa a imagem patética de um Cristo morto na cruz, no momento preciso de entregar o seu espírito; uma imagem claramente acolhedora, com os membros desconjuntados; a cabeça recolhida sobre o peito, o que não permite a visibilidade do rosto; as mãos rasgadas na

abertura dos cravos pelo peso do corpo inerte, que cai desfalecido; da mão direita escorrem quatro gotas de sangue perfeitamente visíveis; o cabelo desalinhado sobre os ombros nus e dilacerados; a cintura, muito estreita; e as pernas encolhidas pelo peso do corpo que não podem sustentar. E tudo isto visto de lado, de perfil, em perspectiva cónica oblíqua, desde uma certa altura, como suspenso no ar, e com um ângulo de focagem situado num plano superior direito. O que mais chama a atenção e aparece como mais genial é, sem sombra de dúvida, essa perspectiva cónica oblíqua, esse ponto de vista que obriga o pintor a romper os cânones da estética e a dar à imagem esboçada umas proporções novas (desde os pés ao extremo do braço esquerdo, em linha recta, tem 20 mm, enquanto que na direcção do braço direito tem 60 mm), dando-nos assim uma imagem completamente insólita.

É muito pouco o que sabemos sobre a origem, a data e as circunstâncias que deram origem a tão excepcional expressão plástica. Os escassos testemunhos sobre este desenho — duas testemunhas nos Processos (o Pe. João de S. José, carmelita da Antiga Observância, confessor de Ana Maria de Jesus, a religiosa do mosteiro da Encarnação a quem o Santo ofereceu o desenho, e o Pe. Alonso da Mãe de Deus, procurador da causa de beatificação do Santo),¹ e dois dos seus hagiógrafos posteriores (o próprio Pe. Alonso da Mãe de Deus e o Pe. Jerónimo de S. José)² — atribuem-no, sem qualquer sombra de dúvida, a uma visão recebida pelo autor num momento de oração; dado genérico que diz muito pouco e que, para além de não esclarecer nada acerca do seu mistério estético, gera mais problemas do que resolve, pois obriga-os a ter que explicar, como faz Jerónimo de S. José, a suposição de que «para que assim o visse, é porque estaria o servo de Deus em alguma janela ou púlpito que nas igrejas dos conventos é costume existir ao lado do altar maior, no meio do qual se julga ter-lhe aparecido, voltado directamente para o povo. E mais, porquê assim e não voltado para o mesmo venerável Padre? Poder-se-ia pensar que foi

¹ Cf. o testemunho do P. Juan de San José, em MS 12738, p. 490; e do P. Alonso de la Madre de Dios, em *BMC*, vol. 14, p. 396.

² Cf. ALONSO DE LA MADRE DE DIOS, *Vida, virtudes y milagros del Santo Padre Fray Juan de la Cruz*, lib. 1, cap. 29, edic. de Fortunato Antolín, Ed. de Espiritualidad, Madrid 1989, p. 213; JERÓNIMO DE SAN JOSÉ, *Historia del Venerable Padre Fray Juan de la Cruz*, Madrid 1641, lib. 2, cap. 9, p. 188 (nova edição de José Vicente Rodríguez, vol. I, Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura, 1993, pp. 254-255).

para representar com aquele esboço, aos seus olhos, uma figura mais lastimosa e desconjuntada do que se aparecesse direita».³

Porém, essa suposição da janela ou púlpito era o que se haveria de demonstrar e não apenas supor, pois que tal coisa não existia na igreja desse convento, nem a imagem plasmada no desenho tem nada a ver com uma dimensão estritamente espacial. A expressão do desenho e a sua perspectiva cônica oblíqua levam-nos a pensar em toda uma metáfora estética, pois o ponto de visão está situado num âmbito não dimensional (metáfora, também, de um novo estado de consciência) no qual a figura de Cristo parece ser contemplada desde a direita do próprio Padre, numa atitude de entrega total, sem parte sã no seu corpo, desfeito e abatido, e como que inclinando-se sobre o mundo pelo qual morreu; tudo isto como representação cénica desse momento cume que para João da Cruz significa «a maior obra que (Cristo) fez em toda a sua vida com os milagres e as obras, quer na terra quer no céu, que foi reconciliar e unir o género humano pela graça, com Deus; e isto foi, como digo, no momento e lugar em que este Senhor esteve mais aniquilado em tudo,... ficando assim aniquilado e tornado em nada» (II *Subida*, 7, 11).

O lugar em que decorre essa cena é, sem dúvida, um lugar real, inscrito na realidade do mundo; mas é também um lugar que está mais além da realidade, um lugar que parece flutuar no ar, como se não estivesse sob o efeito da gravidade. É, numa palavra, um lugar místico, desde o qual se contempla um Cristo mediador entre o céu e a terra. E isso é, também, o desenho, uma tentativa de expressar graficamente o que não se pode expressar com palavras, uma forma plástica para «deixar voar a alma desde o pintado até ao Deus vivo» (III *Subida*, 15, 2), além de ser uma amostra inequívoca de como «a pessoa verdadeiramente devota, põe a sua devoção, principalmente, no invisível, e de poucas imagens precisa, e poucas usa, e daquelas que mais se parecem com o divino do que com o humano, porque é dentro de si que procura a imagem viva, que é Cristo crucificado» (*Ibid.*, 35, 5).

Esta imagem de Cristo crucificado, de traços firmes e sóbrios, sem beleza aparente no rosto, vale mais do que mil palavras, pois nela se condensa toda a teologia cristocêntrica de João da Cruz, sobejamente conhecida por esse capítulo fulcral da *Subida do Monte*

³ Cf. JERÓNIMO DE SAN JOSÉ, *o.c.*, edic. de José Vicente Rodríguez, p. 255.

Carmelo: «Aquele que agora quisesse perguntar a Deus, ou quisesse alguma visão ou revelação, não apenas cometeria um disparate, mas desagradaria a Deus, ao não pôr os olhos, totalmente, em Cristo, sem querer alguma coisa mais ou novidade. Porque Deus mesmo poderia responder-lhe desta maneira, dizendo: *Se já te disse todas as coisas na minha Palavra, que é o meu Filho, e não tenho mais nada, que posso eu responder-te ou revelar-te além disso? Põe os olhos somente nele, porque nele te disse já tudo e revelei, e encontrarás nele ainda mais do que aquilo que pedes e desejas... Se quisesses que eu te dissesse alguma palavra de consolação, olha para o meu Filho, sujeito a mim e sujeitado pelo meu amor e afligido, e verás quantas te diz. Se quisesses que eu te declarasse algumas coisas ocultas ou factos, põe os olhos somente nele, e encontrarás ocultíssimos mistérios, e sabedoria, e maravilhas de Deus, que estão encerradas nele...*» (II *Subida*, 22, 5-6).

Assim pois, o que esta expressão plástica reflecte, e que serviu de inspiração a outros artistas modernos (Sert, Dalí) e que numerosos críticos já estudaram (Orozco, Camón Aznar, Huighe, Florisoone, Urs von Balthasar, Nieto),⁴ podemos concluir que não é outra coisa senão a própria personificação do caminho místico de João da Cruz: a «sabedoria divina, misteriosa, escondida, predestinada por Deus antes dos séculos para nossa glória» (1 *Cor* 2, 6-9); razão pela qual pode dizer na sua *Oração da alma enamorada*: «Não me tirarás, Deus meu, o que uma vez me deste no teu único Filho, Jesus Cristo, em quem me deste tudo o que quero; por isso me regozijo ao saber que não tardarás se eu espero» (*Ditos de luz e amor*, 26). Daqui resulta para nós todo um sinal deítico, o convite mais directo a entrar num mistério sobre o qual «há muito que aprofundar em Cristo, porque é como uma mina abundante, com muitas veias de tesouros que, por mais que se esquadrinhe, nunca se chega ao fim nem termo, antes vão encontrando novas veias de novas riquezas cá e lá» (*Cântico B* 37, 4); e, em última instância, «para que o bom espiritual entenda o mistério da porta e do caminho de Cristo para se unir com Deus, e saiba que quanto mais se aniquilar por Deus, tanto mais se une a Deus e tanto maior obra faz. E quando ficar reduzido a nada, que será a suma humildade, ficará feita a união espiritual entre a alma e Deus, que é o maior e mais alto estado a que nesta vida se pode chegar» (II *Subida*, 7, 11).

⁴ Cf. JUAN BOSCO SAN ROMÁN, *El Cristo dibujado en Ávila por San Juan de la Cruz*, na obra colectiva *Dios habla en la noche*, Ed. de Espiritualidad, Madrid, 1990, pp. 146-149.

ORAR COM A VIDA

P. AGOSTINHO LEAL

«O amor de Deus é o primeiro na hierarquia do preceito, mas o amor do próximo é o primeiro na acção. Pois quem te impôs este amor em dois preceitos, não iria propôr primeiro o amor do próximo e só depois o amor de Deus.

Mas tu, que ainda não vês a Deus, amando o próximo fazes méritos para O ver; com o amor do próximo iluminas a pupila dos teus olhos para olhar para Deus... Começa, pois, por amar o próximo...»¹

Uma notícia e um exemplo

Felizmente não faltam testemunhos a garantir que só a vida pode ser a universidade do amor, isto é, o meio mais excelente para aprender a conjugar, como oração, estes dois preceitos do amor: de Deus e do próximo.

Entre alguns testemunhos seleccionei o caso do Sr. João Almiro, que mereceu reportagem nos jornais e televisão. «Em Campo de Besteiros vive uma família diferente de todas as outras. Ex-marginais, ex-alcoólicos e deficientes coabitam com um industrial que dedica o seu tempo a recuperar estes jovens traídos pela sociedade e pela natureza. Partilham as refeições e os problemas e acolhem com singular carinho tanto a ciganita abandonada pelos pais como o filho do chefe da quadrilha local. João

¹ SANTO AGOSTINHO, em *Evang. Joan.* 17, 7-9.

Almiro deixou as suas indústrias em prol desta enorme família e é agora educador, vigilante, médico e «pai». Movido pela Fé, este empresário encontrou na solidariedade a sua razão de existir».²

Um homem como tantos outros: casado, com filhos, as suas empresas e afazeres. Mas, ao mesmo tempo, um homem diferente porque, «movido pela fé católica», dedica-se a dar «amor e segurança» aos abandonados e desprotegidos. Em Campo de Besteiros, uma aldeia das redondezas de Tondela, instalou-se uma «universidade» que reparte lições de fé e de amor. Lições de orar com a vida. Vida, fé e amor são o conteúdo da ciência orante que dão credibilidade ao preceito cristão de amar a Deus e o próximo.

Pela «inveja» que tenho por homens deste calibre e pela admiração que nutro pelas determinações que tomam as pessoas que não sabem discursar mas sabem agir «movidas pela fé», é que quis fazer do Sr. João Almiro a inspiração exemplar para *orar com a vida*.

«A própria vida é oração»

Esta frase é muita certa, mesmo que tenha causado também alguns estragos. Muitas vezes foi mal interpretada e deu a muitos a sensação de evasão na oração pessoal. Porque se constatou que muita gente orante (de coro) estava desligada da vida, desenhou-se uma rotura entre a vida de oração e a vida laboral. Tentou-se, através dum movimento horizontalista, passar de uma oração de coro para uma vida de oração. Mais do que nunca se defendeu a tese e a práxis de que a própria vida é oração. Contudo, como acontece com todas as coisas, deve-se evitar os extremos, inimigos da verdade e do equilíbrio. Esta expressão, solta, foi causa para que muitos abandonassem a prática da oração pessoal, silenciosa, contemplativa. Hoje constatamos que o trabalho está a ocupar todos os momentos do dia; mas também não queremos deixar de orar. Por isso, a vida é oração. Toda a vida humana pode ser oração; mas nem todo o trabalho humano é oração.

Santa Teresa de Jesus sabe dizer-nos do equilíbrio que deve existir entre estas duas actividades, pois, tanto uma como outra, devem estar presididas pelo amor: «Tenho topado com algumas pessoas que supõem

² *Jornal O COMÉRCIO DO PORTO*, 14 de Janeiro de 1994, p. 13.

estar tudo no pensamento..., mas o aproveitamento da alma não está em pensar muito, mas em amar muito».³ E como se adquire este amor? «Determinando-se a agir e a padecer e fazê-lo quando se oferecer ocasião... na obediência e no serviço do próximo. Estas duas coisas, muitas vezes, pedem que lhe demos o tempo que tanto queríamos dar a Deus... Deixar isto (oração pessoal) para nos dedicarmos a qualquer dessas coisas, é agradar-lhe... É aqui, minhas filhas, no meio das ocasiões e não nos recantos, que se há-de provar o amor; e, acreditai-me, ainda que haja mais faltas e algumas quebras, o nosso ganho é incomparavelmente maior. Olhem que sempre falo pressupondo que andem ocupadas por motivos de obediência e caridade, porque, sem isso, considero sempre melhor a solidão. E temos que desejá-la, mesmo andando nas obras exteriores».⁴

Nas Quintas Moradas, dirigindo-se àqueles que começam a ter oração de união com Deus, Teresa adverte de forma clara e de modo a desenganar quem quer que seja: «Quando vejo algumas muito diligentes em entender a oração que têm e muito encapotadas quando estão nela (que parece não ousam bulir nem menear o pensamento, para que não se lhes vá um pouquinho do gosto e devoção que tiveram), faz-me ver quão pouco entendem do caminho por onde se alcança a união. E pensam que ali está todo o negócio. Mas não, irmãs, não; obras quer o Senhor; e se vês uma enferma a quem podes dar algum alívio, não se te dê nada de perder essa devoção e te compadeças dela; e se tem alguma dor, te doa a ti também; e se for mister, jejua, para que ela coma; não tanto por ela, mas porque sabes que teu Senhor quer isso. Esta é a verdadeira união com Sua vontade...».⁵

Sede vós mesmos o que cantais

A oração pessoal há-de tentar a conexão do amor com as obras; a influência do amor divino na vida e em todas as manifestações faz com que as obras realizadas cheguem a ser efectivamente exercício do amor de Deus: «Já não tenho outro ofício, pois já somente amar é o meu exercício».⁶

Santo Agostinho também ensina e exorta: «Cantai ao Senhor um cântico novo. Eu já canto, dizes. Muito bem, mas que a tua vida não se

³ SANTA TERESA DE JESUS, *Fundações* 5,2.

⁴ *Id.*, 5,15.

⁵ SANTA TERESA DE JESUS, *Quintas Moradas* 3,11.

⁶ S.JOÃO DA CRUZ, *Cântico Espiritual*, Canção 28.

mostre em desacordo com a tua boca... O único louvor digno daquele a quem cantais é o mesmo cantor. Se de veras quereis louvar a Deus, sede vós mesmos o que cantais. E sois louvor de Deus quando a vossa vida é santa».⁷ «Ninguém louva a Deus, se as suas acções não estão de acordo com o canto dos seus lábios, no amor a Deus e ao próximo».⁸

Na Bíblia a oração brota da própria vida e da existência concreta do povo eleito. O diálogo com Deus emerge dos acontecimentos concretos dessa vida, interpreta-os, converte-os em oração de louvor, de acção de graças, de súplica... A oração cristã não é qualquer coisa acrescentada à vida quotidiana ou alheia à nossa história. Ela mistura-se nas actividades e múltiplos projectos de quem ama, trabalha, sofre e se alegra.

J. M. Pemán põe na boca de Inácio as seguintes palavras dirigidas a Xavier:

«Mézcleme, de vez en cuando,
en el trabajo requiebros
y jaculatorias breves,
que lo perfuman de incienso.
Ni el rezo estorba al trabajo,
ni el trabajo estorba al rezo.
Trenzando juncos y mimbres
se pueden labrar, a un tiempo,
para la tierra un cestillo
y un rosario para el cielo».⁹

A oração que se faz vida

Fazer da vida uma oração não significa empilhar ou coleccionar vários exercícios piedosos ou multiplicar actos de oração pessoal ao longo do dia, ainda que possam ser um meio excelente para que o orante encaminhe todo o seu ser, sentimentos e actividades para Deus. As orações, como por exemplo as jaculatórias, são um meio para levar a oração à vida. Se soubermos de memória algumas orações, versículos de

⁷ SANTO AGOSTINHO, *Sermão 34*: PL 38,211.

⁸ SANTO AGOSTINHO, *Sermão 33*: PL 38, 209.

⁹ J.M. PEMÁN, *El divino impaciente*, acto 1, Obras Selectas, Barcelona, 1971, p. 466.

salmos, antífonas, cânticos, etc., frequentemente poderemos renovar «a presença de Deus» quando vamos a viajar, ou andando pela rua, em plena actividade laboral ou mesmo quando estamos faltos de inspiração orante .

Contudo vida de oração, como a entendemos aqui, refere-se a uma orientação do espírito para Deus pela qual se vive por Ele, n'Ele, com Ele e para Ele. E com este espírito vive-se tudo: trabalho, estudo, sofrimento, etc... Não consiste exactamente em misturar uma oração com a actividade e o trabalho, mas em transformá-los em oração, dirigindo-os e oferecendo-os a Deus. «Uma vida de oração não consiste em passar o tempo de joelhos falando incessantemente a Deus, mas numa vida em que o homem está sempre consciente de que está dentro e fora d'Ele, por cima, por baixo e à volta d'Ele. Portanto, ser homem de oração não significa ser um homem cujas palavras, acontecimentos e pensamentos sejam sobre Deus, mas sim dirigidos a Deus. Um homem que coma e beba, que durma e trabalhe, que ria e que chore, que sofra e se alegre, triunfe e fracasse em Deus e pela honra e glória de Deus».¹⁰

Na constituição *Laudis Canticum* (1-XI-1970) escreve-se: «A vida interior dos fiéis, durante cada uma das horas do dia e da noite, constitui como que uma *leiturgia*, mediante a qual eles se oferecem em serviço de amor a Deus e aos homens, aderindo à acção de Cristo, que com a Sua vida em nós e o oferecimento de Si mesmo santificou a vida de todos os homens».

A vida de oração entendida assim não dispensa alguns momentos de oração solitária e mais intensa. O viver por Cristo, com Cristo e para Cristo exige momentos de oração, de intimidade a sós. O amor inclina-se para a pessoa amada. «Oração é um tratar de amizade, estando muitas vezes, a sós, com Quem sabemos que nos ama».¹¹

Apesar das ocupações e trabalhos da vida existe sempre uma reconhecida presença de Deus e de que tudo decorre perante o olhar de Deus. A vida como oração assemelha-se à criança que brinca sob o olhar dos seus pais; absorvida pelos pequenos entretenimentos está como se nenhuma outra coisa existisse. E, no entanto, ao mínimo incómodo ou zanga, grita: Mamã! Isto quer dizer que não se tinha esquecido totalmente de quem estava perto e a vigiava.

¹⁰ M. RAYMOND, *Inciense quemado*, Madrid, 1959, p.11-12.

¹¹ SANTA TERESA DE JESUS, *Livro da Vida* 8,5.

A vida pode favorecer ou dificultar a oração

A forma de viver pode influenciar positiva ou negativamente a oração. Existe algo que acontece em toda a actividade humana. As circunstâncias em que se desenvolve podem ser-lhe favoráveis ou desfavoráveis. Não se estuda da mesma maneira num lugar silencioso e tranquilo ou cheio de barulhos e distrações. A actividade da oração não foge a essa lei geral da actividade humana. Sobre isto expressava-se Paulo VI deste modo:

«Porquê hoje a vida interior, isto é, a vida de oração, é menos intensa e menos fácil nos homens do nosso tempo, em nós? Pergunta que exigiria uma resposta extremadamente complexa e difícil, mas que podemos agora sintetizar assim: fomos educados numa vida exterior que alcançou um de-senvolvimento e fascinações maravilhosos, mas não tanto na vida interior, da qual pouco conhecemos as suas leis e satisfações; o nosso pensamento desenvolveu-se principalmente no reino sensível (fala-se da *civilização da imagem*: televisão, fotografia, símbolos e esquemas mentais, etc.) e no reino social, isto é, na conversação e na relação com os outros; somos extra-reflexos; inclusivé a teologia cede o lugar a cada passo à sociologia; a mesma consciência moral está oprimida pela psicologia e reivindica uma liberdade que, abandonando-a a si mesma, a obriga a procurar fora de si, no mimetismo da moda, a própria orientação. Onde está Deus? Onde está Cristo? Onde a vida religiosa, da qual ainda e sempre sentimos escura, mas insatisfeita, curiosidade? Vós sabeis como este estado de coisas constitui o drama espiritual, e poderíamos mesmo dizer humano e civil, do nosso tempo».¹²

A vida espiritual da pessoa orante tem influência na sua oração pessoal. Esta influência condiciona de algum modo a eficácia da oração. Uma vida espiritual mais autêntica elimina obstáculos para o encontro pessoal com Deus; dispõe melhor para ele e facilita-o. A direcção do espírito e da pessoa para Deus será tanto mais fácil, em igualdade de circunstâncias, quanto o mesmo espírito e a pessoa tenham em si menos elementos desintegradores, perturbadores e de dispersão. A oração é, de algum modo, a expressão da forma cristã de viver. Existe uma estreita relação entre a qualidade de vida e a qualidade da oração.

¹² *Audiência Geral*, 14 de Agosto de 1969.

«Pelos frutos conhece-se a árvore», diz o Senhor (Mt 12,33). O escutar a Palavra de Deus há-de chegar a traduzi-la por obras. «Nos efeitos e obras que se seguem — diz Santa Teresa de Jesus — é que se conhecem estas verdades da oração, pois não há melhor crisol para as provar».¹³

Algumas orações que rezam a vida

«Senhor, faz de mim um instrumento da tua paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor.

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.

Onde houver discórdia, que eu leve a união.

Onde houver dúvida, que eu leve a fé.

Onde houver desespero, que eu leve a esperança.

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.

Faz com que eu não procure tanto ser consolado como consolar,
ser compreendido como compreender,
ser amado como amar.

Porque é dando que se recebe.

É esquecendo-se de si mesmo como se encontra a si mesmo.

É perdoando que se é perdoado.

É morrendo como se ressuscita para a vida eterna».

(S. Francisco de Assis)

«Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, o meu entendimento e toda a minha vontade; tudo o que sou e tenho. Vós mo destes, a Vós, Senhor o devolvo; tudo é vosso, disponde à vossa vontade. Dai-me o vosso amor e a vossa graça, que isto me basta».

(Santo Inácio de Loyola)

¹³ SANTA TERESA DE JESUS, *Quartas Moradas* 2,8.

«Vedes-me aqui, meu doce Amor,
Amor doce, vedes-me aqui,
que mandais fazer de mim?
Vedes aqui meu coração, eu o coloco nas vossas mãos,
o meu corpo, minha vida e alma, minhas entranhas e afeição;
doce Esposo e redenção, pois por vossa me ofereci.
Que mandais fazer de mim?
Dai-me morte, dai-me vida; dai saúde ou enfermidade,
honra ou desonra me dai,
dai-me guerra ou paz completa,
fraqueza ou força à minha vida,
que a tudo direi sim.
Que mandais fazer de mim?
Se quereis que seja folgar, quero por amor folgar;
se me mandais trabalhar, morrer quero trabalhando.
Dizei onde, como e quando.
Dizei, doce Amor, dizei».

(Santa Teresa de Jesus)

«Pai: coloco-me nas vossas mãos.
Fazei de mim o que quiserdes. Seja o que fôr, eu Vos dou graças.
Estou disposto a tudo. Aceito tudo, desde que o vosso plano
vá p'rá frente em toda a humanidade e em mim.
Iluminai a minha vida com a luz de Jesus.
Ele não veio para ser servido mas para servir.
Que a minha vida seja como a d'Ele: servir.
Grão de trigo que morre no sulco do mundo.
Que eu seja, de verdade, assim, Pai.
Confio-Vos a minha vida. Eu vo-la dou.
Conduzi-me. Enviai-me aquele Espírito que movia Jesus.
Coloco-me nas vossas mãos, inteiramente, sem reservas,
com uma confiança absoluta,
porque Vós sois... meu Pai».

(Charles de Foucauld)

«... Ninguém te conhece se Tu não te revelas a ele e só o que te conhece sabe o segredo do teu amor... Infinitamente grande, contudo, Tu não és o infinitamente distante, mas o mais próximo de nós. E quando estamos abatidos, Tu não nos pões no mundo sobre o teu poder, mas sobre a fraqueza do teu Filho... Por isso... quer sejamos justos ou injustos, fracos ou fortes na vida, arrojamo-nos completamente nos teus braços para viver a plenitude das nossas tarefas temporais. Como poderemos afundar-nos no fracasso quando superamos com o teu Filho a prova do deserto? Como poderemos armar-nos em valentões no triunfo quando, com o Salvador, levamos a Cruz dos nossos pecados?»

(Dietrich Bonhoeffer)

A INTERIORIDADE

TEXTOS ESCOLHIDOS

PARA OS PRESBÍTEROS

No mundo de hoje, sendo tantos os deveres a cumprir e tão grande a diversidade de problemas em que se angustiam os homens, frequentissimamente com urgência de solução, correm os mesmos homens o perigo de se dispersarem por muitas coisas. Também os presbíteros, implicados e dispersos por muitíssimas obrigações do seu ministério, podem perguntar, não sem ansiedade, como lhes será possível reduzir à unidade a sua vida interior com a sua acção exterior. Esta unidade de vida não pode ser construída com a mera ordenação externa do seu ministério nem apenas com a prática dos exercícios de piedade, por mais que isto concorra para ela. Mas poderão os presbíteros construí-la, seguindo, na prática do ministério, o exemplo de Cristo Nosso Senhor, cujo alimento era fazer a vontade d'Aquele que O enviou para realizar a sua obra.

Cristo (...) permanece sempre o princípio e a fonte de unidade da sua vida. Portanto, os presbíteros alcançarão a unidade da sua vida, unindo-se a Cristo no conhecimento da vontade do Pai e no dom de si mesmos pelo rebanho que lhes foi confiado. Assim, fazendo as vezes do Bom Pastor, encontrarão no próprio exercício da caridade pastoral o vínculo da perfeição sacerdotal, que conduz à unidade de vida e acção.

Para que possam realizar concretamente a unidade de vida, considerem todas as suas iniciativas, examinando qual será a vontade de Deus, ou seja, qual é a conformidade das iniciativas com as normas da missão evangélica da Igreja» (P.O. 14).

PARA OS RELIGIOSOS

«Os membros de qualquer Instituto, buscando acima de tudo e unicamente a Deus, saibam conciliar a contemplação, pela qual aderem a Deus pela mente e pelo coração, com o amor apostólico; é este amor que os leva a esforçar-se por se associarem à obra da Redenção e por dilatar o Seu reino» (P.C. 5).

«Toda a vida religiosa dos seus membros (dos Institutos tanto clericais como laicais) seja imbuída de espírito apostólico e toda a sua acção apostólica seja informada pelo espírito religioso. Para responderem à sua vocação de seguir a Cristo e servir ao próprio Cristo nos Seus membros, é necessário que a sua acção apostólica dimanar da sua união com Cristo. Sucederá que, desta forma, se alimenta a caridade para com Deus e para com o próximo» (P.C. 8).

PARA OS LEIGOS

«A fonte e origem de todo o apostolado da Igreja é Cristo, enviado pelo Pai. Sendo assim, é evidente que a fecundidade do apostolado dos leigos depende da sua união vital com Cristo, segundo as palavras do Senhor: «aquele que permanece em mim e em quem eu permaneço, esse produz muito fruto; pois, sem mim, nada podeis fazer» (Jo 15, 5). Esta vida de íntima união com Cristo na Igreja é alimentada pelos auxílios espirituais comuns a todos os fiéis e, de modo especial, pela participação activa na sagrada liturgia; e os leigos devem servir-se deles de tal modo que, desempenhando correctamente as diversas tarefas terrenas nas condições ordinárias da existência, não separem da própria vida a união com Cristo, mas antes, realizando a própria actividade segundo a vontade de Deus, nela cresçam.

O modelo perfeito desta vida espiritual e apostólica é a bem-aventurada Virgem Maria, rainha dos Apóstolos: levando, na terra, uma vida semelhante à do comum dos homens, cheia de cuidados domésticos e de trabalhos, a todo o momento se mantinha unida a seu Filho e de modo singular cooperou na obra do Salvador» (A.A. 4).

CENTRO DE ESPIRITUALIDADE

Actividades para 1994

XI SEMANA DE ESPIRITUALIDADE

Tema: *ESPIRITUALIDADE FAMILIAR*

Datas: **01 - 06 AGOSTO 1994**

22 - 27 AGOSTO 1994

Orientam: **Padres Carmelitas Descalços**

VI ENCONTRO AMIGOS DE ORAR

I - Tema: *UM DESAFIO CHAMADO ORAÇÃO*

Data: **11 - 14 AGOSTO 1994**

II - Tema: *ORAÇÃO: ENCONTRO DE AMIZADE*

(Para animadores e responsáveis: número limitado)

Data: **08 - 11 SETEMBRO 1994**

Orientam: **Padres Carmelitas Descalços e
Irmãs Carmelitas Mis. Teresianas**

Para informações e inscrições contacte

P. Alpoim Alves Portugal

Centro de Espiritualidade

Avessadas Tel. 055. 534207 Fax 055. 534289

4630 MARCO DE CANAVESES

RETIROS

Para Religiosas:

I - Tema: *Da morte à vida: a experiência pascal de Jesus*

Data: 27 MARÇO - 02 ABRIL 1994

Orienta: P. Alpoim Portugal, OCD

II - Tema: *A experiência de Emaús: os discípulos de Jesus*

Data: 22 - 28 MAIO 1994

Orienta: P. Manuel Brito, OCD

III - Tema: *Abba: uma experiência viva de Jesus*

Data: 18 - 24 SETEMBRO 1994

Orienta: P. Alpoim Portugal, OCD

Para Todos:

Tema: *ORAR COM A PALAVRA DE DEUS*

Data: 15 - 20 AGOSTO 1994

Orienta: P. Mário Vaz, OCD

Para Leigos:

Tema: *PREPARAR O NATAL*

Data: 16 - 18 DEZEMBRO 1994

Orienta: P. Alpoim Portugal, OCD

CASA DE ORAÇÃO

Na CASA DE ORAÇÃO recebemos quem deseja partilhar da vida de uma Comunidade de Carmelitas Descalços com o seu característico programa de **vida de oração e de trabalho**.

Informações e inscrições: Tel. 055. 534207

Fax. 055. 534289

EDIÇÕES CARMELO

Ao serviço da espiritualidade

Santa Teresa de Jesus, *Obras Completas*.

S. João da Cruz, *Obras Completas*.

Isabel da Trindade, *Escritos Espirituais*.

Crisógono de Jesus, *S. João da Cruz*.

Crisógono de Jesus, *Vida de S. João da Cruz* .

M. Herráiz Garcia, *Oração - História de Amizade*.

E. Gil de Muro, *Edith Stein*.

M. Herráiz Garcia, *União com Deus, graça e projecto*.

AA. VV., *Oração Encontro de Comunhão*.

AA. VV., *O homem orante*.

Armindo Vaz, *Jesus o orante e mestre de oração*.

Ardens, *Vida e pensamento de Isabel da Trindade*.
Mergulho no Divino.

Intimidade Divina. Meditações.

Como Orar. Breve Catecismo de oração.

Edições Carmelo
Rua de Angola, 6
Paço de Arcos ☎ 01.4433706
2780 OEIRAS

Revista de Espiritualidade

Números publicados e disponíveis

0 - Espiritualidades

1 - Evangelização

2 - Oração

3 - Carisma e missão

4 - A vida interior

5 - Unidade de vida

Próximos números

6 - Maria, a orante

7 - Direcção espiritual

8 - Espiritualidade familiar

